

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

janeiro-fevereiro de 2013



Exemplar avulso: R\$ 10,80



Comunhão, relacionamento e missão

O desafio metropolitano, p. 15

Espírito Santo – o Presidente da missão, p. 17



Enquanto Ele não vem

A Igreja Adventista tem a missão de salvar e servir, usando como base as orientações da Palavra de Deus. A razão para isso é a certeza da vinda de Jesus. Portanto, esperança é a palavra que sumariza a visão adventista. Levar pessoas a aceitar Cristo, fazer parte de Sua igreja e prepará-las para a vida eterna, eis o motivo da nossa existência como igreja.

O profundo senso de ter uma mensagem específica a ser proclamada ao mundo moveu nossos pioneiros em sua missão. O adventismo do sétimo dia não surgiu no vácuo. Seus idealizadores jamais consideraram ser apenas mais uma denominação cristã. Desde o início, entenderam que o movimento era parte de uma profecia (Dn 8:12-14; 7:25; Ap 10). A visão de pregar a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14 a cada nação, língua e povo foi determinante para seu progresso.

O desafio

Porém, hoje, não apenas o adventismo, mas o cristianismo como um todo enfrenta um tremendo desafio: Jesus ainda não veio! Anelamos o apoteótico desfecho da história terrestre, a concretização

da bendita esperança cristã. Assim, é nosso dever prosseguir no cumprimento da missão. Foi o próprio Cristo quem nos recomendou: “Ocupem-se até que Eu venha” (Lc 19:13, NKJ).

Desde 1874, quando John N. Andrews partiu dos Estados Unidos com o navio *Pitcairn* para evangelizar a Europa, os adventistas têm reconhecido a importância das missões. Esse compromisso tem como base a ordem dada por Cristo e registrada em Mateus 28:19, 20. Cada instituição estabelecida dentro da Organização tem a finalidade de cumprir essa missão.

Fomos chamados a sair do mundo, mas para ele voltarmos com o propósito de fazer o que Jesus faria se estivesse na Terra. A igreja não foi estabelecida para existir como fim em si mesma. Deus é um Deus que envia, um Deus de missão. A igreja não apenas tem uma missão; a igreja é a missão.

Estratégias

À medida que a igreja cristã cresceu, ficou claro que somente cumpriria a extraordinária tarefa, caso se organizasse. No livro de Atos encontramos essa providência. Da mesma forma, isso ocorreu também na Igreja Adventista. Em 1863, quando o processo organizacional estava concluído, havia somente 3.500 membros batizados e 30 pastores. Hoje, somos mais de 17 milhões de membros e 18 mil pastores cumprindo a missão em 209 países.

Porém, a missão adventista jamais alcançaria tamanha dimensão transcultural não fosse a proclamação distintiva do evangelho eterno. Ela pode ser expressa em duas palavras: *Keryssein* (proclamar como um arauto) e *evangelizein* (contar boas-novas). No âmago da igreja está o evangelho, mas sendo apresentado de forma distintiva.

Desde 1950, temos nos dedicado a estratégias missionárias sistemáticas em todo o mundo. Uma das mais notórias tem sido a Missão Global. Além da participação de pastores e membros voluntários, a igreja também faz uso de várias frentes para a proclamação do evangelho

(rádio, TV, satélite, redes sociais, publicações, instituições). Ultimamente, o chamado ao reavivamento e reforma tem como alvo tornar a denominação mais capacitada para o desempenho da missão.

Em 2013, a Divisão Sul-Americana focalizará o fortalecimento da igreja e seu desempenho na missão. Como pastores, temos a responsabilidade de conduzi-la nessa iniciativa. Busquemos a orientação divina, a fim de que o discipulado alcance o ideal proposto pelo Mestre, tornando relevante a existência de cada congregação.

O adventismo sempre foi um movimento de fé e esperança, com uma visão de infinitas possibilidades. Porém, nossa missão ainda não está concluída. Acreditamos ainda ter um papel especial a desempenhar, enquanto “vivemos esperando e trabalhando em favor da vinda do Dia de Deus” (2Pe 3:11, *Phillips*). ▀

“Vivam...
esperando o dia
de Deus e apressando
Sua vinda”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Ilustração da Capa:

Thiago Lobo

Fotos:

Editores - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e Ministry

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos

Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante;

Eliézer Júnior; Eufracio Quispé; Geovane

Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia

Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino

Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

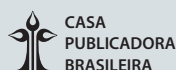
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 52,10

Exemplar Avulso: R\$ 10,80



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.



Permanência essencial

Do saudoso tempo de trabalho como pastor distrital, lembro-me da inegociável escala de prioridades que sempre nos era proposta e que, posteriormente, como secretário ministerial, eu enfatizava diante dos colegas. Esta era a escala que devia ser seguida: Deus, família e trabalho. Seria essa uma versão antiga do chamado que atualmente nos é feito para “Comunhão, relacionamento e missão”? Acredito que sim. Nesse caso, como diz o sábio, “não há nada novo debaixo do sol” (Ec 1:9), o que não nos isenta de sempre renovar a lembrança de coisas essenciais ao crescimento espiritual, e que o corre-corre da vida pastoral pode ameaçar diminuir ou extinguir.

Comunhão – aqui é onde tudo começa, ou seja, na “sala de audiência com Deus”. No aprofundamento do nosso conhecimento dEle, na solidificação de nossa permanência nEle. Tendo sido chamados a ministrar em nome de Deus, permanecer nEle é a única forma eficaz de fazermos isso. Jesus Cristo disse: “Permaneçam em Mim, e Eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em Mim. ‘Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em Mim e Eu nele, esse dará muito fruto; pois sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma’” (Jo 15:4, 5).

Os resultados da comunhão entre o pastor e Deus serão inevitavelmente vistos em seus relacionamentos, o primeiro dos quais é o familiar. “Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar sobre o que ele fez para atrair a Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo. O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 204). De certo modo, o relacionamento do pastor com sua família também é uma fonte de inspiração para relacionamentos fraternais caracterizados pelo amor, altruísmo, sincero interesse no bem-estar individual, apoio espiritual mútuo, e outras virtudes que fortalecem a igreja para o cumprimento da missão.

Estabelecido esse fundamento, o pastor estará pronto para se dedicar sem reservas à liderança da igreja em todos os aspectos e ao cumprimento da missão para a qual foi chamado: arrancar pecadores das garras de Satanás e levá-los à segurança do amor de Deus. Ministrar à parte dessa realidade é ministrar no plano material, comum. Porém, Deus nos chamou para viver, trabalhar e frutificar acima do natural e do comum. É tempo de dar a devida prioridade ao que é realmente essencial: nossa permanência em Cristo. Tudo o mais será resultado dessa experiência. ■

Zinaldo A. Santos

9 REAVIVAMENTO E REFORMA PASSO A PASSO

Veja os detalhes do programa de trabalho para 2013.

11 BATIZAR NÃO É TUDO

Qual é, realmente, nossa verdadeira missão?

13 O QUE DEUS ESPERA DE NÓS

Características do líder de igreja para os tempos atuais.

15 O DESAFIO METROPOLITANO

Por que e como evangelizar as grandes cidades.



17 O PRESIDENTE DA MISSÃO

“Evangelismo sem o Espírito Santo é como um corpo sem vida.”

21 DO PARTO À MATURIDADE

Como se forma um discípulo.

23 A HORA DO PODER

“A comunhão com Deus é a vida do ser.”

25 ALÉM DA TEORIA

Estudantes de Teologia plantam igrejas e colhem frutos.

28 DISCIPULADO NAS ESCRITURAS

Análise exegética da figura do discípulo.

30 POR PRECEITO E EXEMPLO

Ensino e prática de Ellen G. White sobre o discipulado.

32 O RUMO DO CRESCIMENTO

Testemunho sobre a eficácia dos pequenos grupos.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

*“Não há nada pior
para bloquear o
Espírito Santo do
que a confiança
em nossa própria
inteligência.”*

João Calvino

Ação integrada

Departamentos da Divisão Sul-Americana
se unem para o sucesso do projeto
“**Comunhão, relacionamento e missão**”.
Veja aqui a participação de cada setor



Fotos cedidas pelo Departamento de Arte da DSA

De acordo com Ellen G. White, a obra da educação e da redenção são a mesma coisa (*Educação*, p. 30). Ambas se fundamentam em Jesus Cristo e têm como objetivo restaurar no homem a imagem do Criador. Neste sentido, o discipulado é imprescindível para se levar avante a missão de matricular alunos na Escola Celestial, de salvar crianças, adolescentes e jovens por meio de uma educação redentiva. Como igreja em forma de escola, a educação adventista também planeja ações para o fortalecimento da comunhão, do relacionamento e da missão. Cada unidade escolar realizará o Seminário de Enriquecimento Espiritual para os educadores, incentivará educadores e alunos a participar em um pequeno grupo, e os motivará a se envolver ativamente em um projeto missionário. – **Edgar L. Luz, diretor de Educação**



Com o objetivo de manter a visão do crescimento da igreja, por meio da comunhão, do relacionamento e da missão, os setores de Ministério da Mulher e Afam continuarão o processo de consolidar os *momentos de oração intercessora* nos cultos sabáticos, transformando o *sábado de jejum e oração* em um dia de poder e bênçãos para a igreja e a comunidade. A realização do projeto de oração nos lares vizinhos terá continuidade, bem como o retiro espiritual “A presença de Deus em minha vida”, para esposas de pastores e líderes do Ministério da Mulher. O Ministério de Recepção intensificará suas atividades na conquista de amigos para a eternidade, na igreja, nos pequenos grupos e no evangelismo da amizade. Feiras de saúde e campanha “Quebrando o silêncio” continuarão sendo instrumentos para cumprimento da missão e serviço comunitário. – **Wiliane Marroni, diretora de Ministério da Mulher e Afam**



O Seminário Latino-americano de Teologia, Salt, tem oito sedes localizadas na Bolívia, no Brasil, Chile, Equador e Peru. Sua participação no projeto “Comunhão, Relacionamento e Missão” envolve o incentivo ao grupo de professores e mais de 2.300 alunos na prática dos seguintes itens: 1) Dedicção da primeira hora do dia à devoção pessoal e participação do culto no início de cada aula. Durante o ano, será realizado o Seminário de Enriquecimento Espiritual nas diversas sedes do Salt. 2) Envolvimento em pequenos grupos, tanto na instituição à qual pertencem como na igreja da qual fazem parte. 3) Participação nos programas evangelísticos da instituição, bem como dos Campos e Uniões mantenedoras, além do envolvimento pessoal no evangelismo e estudos bíblicos. – **Reinaldo Siqueira, reitor do Salt**



O Ministério Jovem está sintonizado com o programa da igreja, apoiando os projetos missionários. Nossos jovens, bem preparados e alinhados com os desafios estabelecidos, podem fazer muito na pregação do evangelho. Entre as frentes utilizadas com esse objetivo, uma se destaca: Missão Calebe. Com um exército de aproximadamente 70 mil jovens, esse projeto tem revolucionado positivamente a igreja na América do Sul. Para que o êxito se repita em 2013, nossos jovens serão incentivados a fortalecer a comunhão com Deus, envolver-se em pequenos grupos de relacionamento, bem como marcar presença no enfrentamento dos desafios missionários que envolvem as grandes cidades. Comunhão, relacionamento e missão movem a força jovem adventista em direção à eternidade. – **Areli Barbosa, diretor do Ministério Jovem**



O Departamento de Comunicação tem como visão apresentar uma imagem favorável da igreja, sua missão, vida e atividades, como também ajudá-la a ser uma testemunha eficiente da graça, do amor e da salvação de Jesus Cristo, dentro dos princípios do discipulado. Temos o compromisso de produzir materiais promocionais que motivem a comunhão pessoal com Deus, estimular por meio de vídeos motivacionais a participação nos pequenos grupos, incentivando assim o companheirismo cristão. Além disso, também temos o compromisso de dar continuidade ao Programa Adventista de Capacitação em Comunicação, possibilitando o aprimoramento para uma comunicação mais eficaz da nossa bendita esperança, em cumprimento da missão. – **Edson Rosa, diretor de Comunicação**



Na América do Sul, a igreja adventista assumiu o compromisso de avançar em comunhão, relacionamento e missão. Todos devem se unir nesse projeto, falando a mesma linguagem, investindo nele talentos, recursos e influência. Assim, teremos uma igreja viva pela comunhão e ativa no cumprimento da grande comissão. O Ministério da Mordomia Cristã dará sua contribuição promovendo a realização do Seminário de Enriquecimento Espiritual, por meio do qual cada membro da igreja é chamado a desenvolver o hábito de buscar a Deus na primeira hora de cada manhã. Entendemos que a comunhão é a grande causa geradora do relacionamento e da missão. Conforme escreveu Ellen G. White (*Conselhos Sobre Educação*, p. 78), “é somente mediante união pessoal com Cristo, pela comunhão com Ele diariamente, a toda hora, que podemos produzir os frutos do Espírito Santo... tudo depende de nossa união com Cristo”. – **Miguel Pinheiro, diretor de Mordomia Cristã**



Crianças e adolescentes devem ser levados a se sentirem “+ perto de Jesus”, “conectados” a Ele, “+ perto de Sua vinda”. Assim, eles serão incentivados a comungar com Deus, diariamente, buscando ser reavivados por Sua Palavra, estudando a *Lição da Escola Sabatina* e se tornando intercessores por meio da oração. Também serão motivados a participar de pequenos grupos e, através do “Projeto Pegadas”, serão envolvidos no discipulado, testemunhando de sua experiência com Jesus, participando do evangelismo da Semana Santa (coordenado pelos professores), compartilhando literatura através do “Projeto Carteiros Missionários”. Em cada distrito pastoral será realizada a Escola Cristã de Férias. – **Graciela Hein, diretora do Ministério da Criança e do Adolescente**



Famílias que diariamente buscam ao Senhor, por meio da comunhão pessoal e do culto familiar, que estão envolvidas em pequenos grupos e são missionárias, estão se preparando para o Céu e se relacionam melhor aqui na Terra, como antecipação do relacionamento que terão com os santos anjos e com outros remidos na eternidade. Em 2013, as quatro ênfases do Ministério da Família serão as seguintes: Semana da Família, Adoração em Família, Encontro de Pais e Cursos de Noivos. De algum modo, tais iniciativas equipam indivíduos e famílias para o envolvimento nas três prioridades da igreja para a América do Sul neste ano: Comunhão, relacionamento e missão. – **Marcos Bomfim, diretor do Ministério da Família**



O Departamento de Evangelismo da Divisão Sul-Americana está plenamente comprometido com o projeto “Comunhão, relacionamento e missão”. Para incentivar a comunhão com Deus, os evangelistas implantarão o Seminário de Enriquecimento Espiritual para as pessoas recém-batizadas. Elas devem iniciar sua jornada espiritual com o estudo da Bíblia, *Lição da Escola Sabatina* e os escritos de Ellen G. White. Conhecendo a importância do relacionamento para a conservação dos novos membros na igreja, priorizaremos a realização de campanhas evangelísticas nos lugares em que haja estrutura de pequenos grupos. Todos os novos convertidos serão envolvidos em um pequeno grupo e em uma dupla missionária. Nosso desejo é de que cada membro da igreja tenha coração e mente de evangelista! Todos envolvidos na missão! Cada adventista testemunhando de Cristo! Afinal, “não basta ser adventista, tem que ser evangelista!” – **Luís Gonçalves, evangelista**



A missão do Departamento de Ministério Pessoal é envolver cada membro da igreja no cumprimento da missão, de acordo com seus dons espirituais. Isso é feito por meio da elaboração de planos estratégicos, treinamento e provisão de materiais, com vistas a fazer e multiplicar discípulos. No contexto do discipulado em 2013, estaremos envolvidos com as três dimensões que abrangem a vida de um discípulo: Comunhão diária, desde a primeira hora do dia, por meio do estudo da Bíblia, *Lição da Escola Sabatina*, e seminários de enriquecimento espiritual. Relacionamento – incentivando e criando condições para que cada membro da igreja participe da vida em comunidade pertencendo a um pequeno grupo. Missão – estimulando os membros da igreja a testemunhar e usar os respectivos dons espirituais, além de potencializar o trabalho com as frentes missionárias. – **Everon Donato, diretor de Ministério Pessoal**



A fim de poder compartilhar o amor de Cristo com pessoas e famílias carentes, é imprescindível que estejamos ligados à fonte do amor. Sendo assim, a Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra, desenvolveu o “Plano de Crescimento Espiritual”, com diversas atividades de apoio a seus servidores na busca diária de comunhão pessoal com Deus. Outra meta é o estabelecimento de pelo menos um pequeno grupo em cada regional da Adra. Esse pequeno grupo deve ser composto pelos nossos servidores, doadores, beneficiários e provedores. A Adra desempenha papel importante no cumprimento da missão. Uma das maneiras pelas quais pode fazê-lo é através da visitação aos beneficiários, por meio de duplas missionárias formadas por trabalhadores e colaboradores da Agência. Pelo desempenho desse compromisso, os projetos da Adra produzirão frutos para a eternidade. – **Günther Wallauer, diretor da Adra**



O “Projeto Maná” tem como objetivo aumentar o número de assinantes da *Lição da Escola Sabatina*, que significará aumento do estudo diário da Bíblia. Essa é a meta da Escola Sabatina, no item “comunhão” do programa da igreja em 2013. Para solidificar o “relacionamento” fraternal, é necessário unificar a estrutura dos pequenos grupos com as Unidades de Ação da Escola Sabatina. Esta será o cenário para ajudar no amadurecimento dos novos membros por meio do Ciclo do Discipulado, no contexto da “missão”. Formar e desenvolver Escolas Sábatinas Filiais, com base para o surgimento de novas igrejas e celebração do Dia do Amigo (uma vez por trimestre) completam os objetivos missionários. No plano de Missão Global, estas são as metas: Ter um grupo intercessor em favor do plantio de igrejas. Levar os novos crentes a ter comunhão diária com Deus, pelo estudo da Bíblia e da *Lição da Escola Sabatina*. Formar pequenos grupos onde se pretenda estabelecer uma nova igreja. Plantar igrejas em lugares desafiadores das grandes cidades, onde também devem ser estabelecidos centros de influência. – **Edison Choque, diretor de Escola Sabatina e Missão Global**



Comunhão é a base do preparo do colportor, para realização de seu ministério. Por isso, ele deve buscar inspiração, participando do Seminário de Enriquecimento Espiritual e de retiros espirituais para líderes e colportores-evangelistas. Relacionamento é a essência da atividade do colportor. É a estratégia para atrair clientes para os pequenos grupos e para a igreja. Assim, uma colportagem voltada para o serviço certamente fortalecerá o relacionamento com os clientes. Com isso em mente, tendo-os visitado uma, voltaremos a fazê-lo, depois de algum período, buscando desenvolver relacionamento de longo prazo. Missão é o grande objetivo da colportagem. Por essa razão, colportores-estudantes serão treinados para focalizar o evangelismo. O “Projeto Missão Resgate” significa trazer de volta os elevados ideais dos pioneiros. Semanas de colheita serão organizadas no fim de cada campanha. – **Tércio Marques, diretor de Publicações**



Vice-presidente da Divisão Sul-Americana

Reavivamento e reforma passo a passo

Na Divisão Sul-Americana, a execução do Projeto Reavivamento e Reforma é coordenada pelo vice-presidente, pastor Bruno Raso. Com o objetivo de esclarecer dúvidas e simplificar a implantação do programa, ele falou ao pastor Edson Rosa, diretor de Comunicação da DSA. Veja os principais trechos da entrevista:

O que está envolvido no Projeto Reavivamento e Reforma?

Trata-se de uma empreitada mundial, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, tendo como objetivo levar seus membros a buscar a plenitude do

Espírito Santo (reavivamento). É mais do que um programa eventual; ele visa à transformação de hábitos, atitudes e tendências, alinhando-os de acordo com a vontade de Deus, conforme esta nos é apresentada na revelação (reforma). Detalhes dessa iniciativa podem ser vistos no site <http://reavivamentoereforma.com/rpsp/>.

Por onde devemos começar essa experiência?

Em primeiro lugar, o processo de reavivamento e reforma precisa ocorrer no âmbito individual. Cada um de nós deve começar a desenvolver o hábito de buscar a Deus em particular,

no início de cada dia, estudando Sua Palavra, comungando com Ele. Tendo iniciado no plano individual, o passo seguinte é levar a família a renovar o propósito de ter um encontro com Deus, diariamente, pela manhã e à noite, com a realização do culto familiar. A ideia é de que estimulemos todos os membros da igreja a agir como participantes e motivadores de todo o processo. Pessoas de outras religiões, nacionalidades, culturas, também são convidadas a participar. Esse movimento deve começar com os líderes e alcançar todos os que sentem necessidade de profunda renovação da vida espiritual.

Dentro desse projeto, há um incentivo especial para a leitura da Bíblia. Fale sobre isso.

No dia 17 de abril de 2012, a liderança mundial da Igreja Adventista lançou o projeto de incentivo ao estudo diário da Bíblia, sob o lema “Reavivados por Sua Palavra”. O objetivo desse plano é chamar a atenção para a importância de se conhecer Jesus, através das Escrituras. Cada membro da igreja está motivado a ler diariamente pelo menos um capítulo da Bíblia. Estatísticas estimam que existem aproximadamente 17 milhões de adventistas distribuídos em 204 países. Será maravilhoso que todos leiam a Bíblia, dentro desse projeto, até o dia 2 de julho de 2015, por ocasião da assembleia da Associação Geral da Igreja, em Santo Antônio, Texas.

Além da leitura da Bíblia, que outros recursos podem ser utilizados na busca de crescimento espiritual, dentro desse projeto?

Temos a atividade conhecida como “777 Poder da Oração”. A repetição do número sete por três vezes implica que os membros adventistas do sétimo dia, devem orar sete dias por semana, às 7h da manhã e da noite, em busca do poder do Espírito Santo. Assim, de hora em hora estaremos unidos a milhares de outros irmãos, que seguem fusos horários diferentes em todo o mundo. É a unidade sendo experimentada através da oração. “Uma cadeia de fervorosos crentes orando deve cercar o mundo... a orar para que o Espírito Santo nos capacite” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 3 de janeiro de 1907).

De que maneira as redes virtuais de comunicação podem ser utilizadas nesse projeto?

Uma das maneiras de envolvimento virtual com o projeto “Reavivados por Sua Palavra” é ler diariamente o capítulo sugerido e fazer comentários pelo facebook (<https://apps.facebook.com/bibliarpsp/>) ou pelo

twitter, utilizando a hashtag #rpsp. A ideia de postagens diárias de tweets sobre os capítulos sugeridos para meditação surgiu espontaneamente entre os internautas. A hashtag usada – #rpsp – chegou várias vezes no *Trend Topic* Brasil e no Peru, considerado o medidor oficial dos assuntos mais populares entre os twiteiros brasileiros. Esse movimento tem a participação de membros, líderes e pastores. Um dos que aderiram ao “tuitaço” com a hashtag #rpsp foi o pastor Jael Eneas (@jaeleneas), do campus 3 do Unasp. Ele religiosamente posta sua visão a respeito do capítulo destinado à leitura, e tem afirmado que, através desse recurso, interage e fortalece o senso de pertencer e fazer parte do projeto. É a oportunidade de compartilhar experiências, a respeito da Bíblia, com um grupo de estudantes. Caso alguém deseje usar um aplicativo móvel, use o *InPrayer* que foi desenvolvido pela Igreja Adventista. Ele é projetado para facilitar uma corrente global de oração. Estão à disposição aplicativos para *iPhone*, *iPad* e *Android*, que podem ser baixados no endereço <http://www.revivalandreform.org/apps>.

Qual é o cronograma de atividades do projeto?

Entre os dias 28 de fevereiro e 9 de março, estaremos envolvidos nos “Dez dias de oração na América do Sul”. Para cada um desses dias, há um motivo especial pelo qual devemos orar:

- 28/02 – Nossa condição espiritual.
- 01/03 – Confissão de pecados.
- 02/03 – Nossa reconsecração a Deus.
- 03/03 – Reconhecimento da necessidade e desejo do Espírito Santo.
- 04/03 – Reconhecimento da importância da oração.
- 05/03 – Valorização do Estudo da Bíblia.
- 06/03 – Perdão divino e perdão humano.

■ 07/03 – Crescimento do amor fraternal.

■ 08/03 – Frutificação do Espírito Santo em nossa vida.

■ 09/03 – Dez horas de oração e jejum, com sermão apresentado via satélite através do canal executivo, pelo pastor Erton Köhler.

Também estamos sugerindo temas para reflexão, durante as horas de oração no sábado dia 9. Porém, cada igreja é livre para desenvolver seu plano. São estes os temas e textos:

■ Perseverança na doutrina bíblica – Atos 2:42.

■ Vida de comunhão e oração – Atos 2:42-47.

■ Permissão para atuação de Deus na vida – Atos 2:43.

■ Fortalecimento da unidade da igreja – Atos 2:44.

■ Crescimento em fidelidade e generosidade – Atos 2:45.

■ Revitalização do culto e adoração – Atos 2:46.

■ Multiplicação das igrejas em casas, através dos pequenos grupos – Atos 2:46.

■ Louvor a Deus e testemunho – Atos 2:47.

■ Princípios do discipulado: comunhão, relacionamento e missão – Atos 2:47.

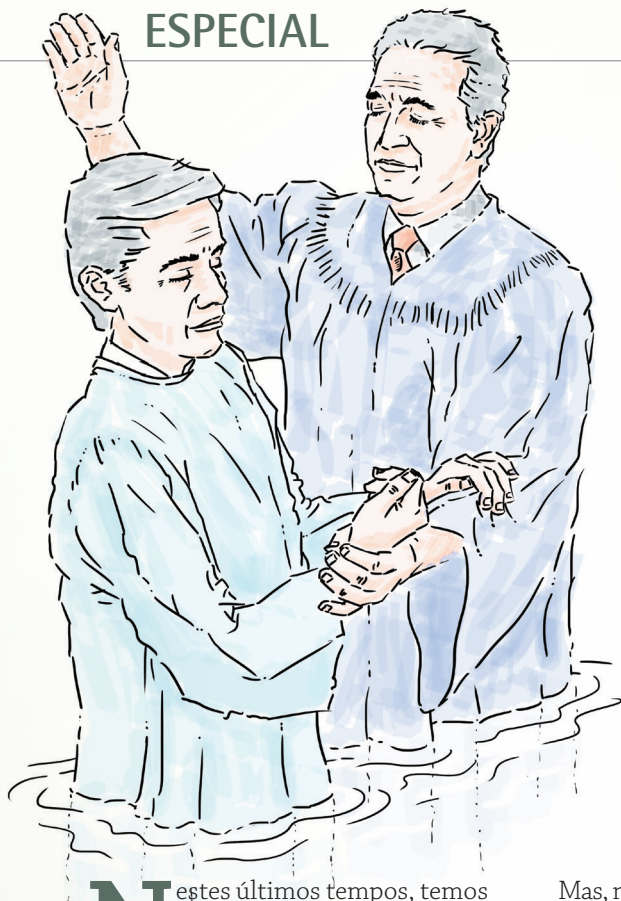
■ Batismo do Espírito Santo, para testemunhar – Atos 1:8.

Sendo que o dia 9 de março será sábado, haverá tempo para outras atividades?

Além da Escola Sabatina e do culto, outras atividades podem ser realizadas, como por exemplo: Apresentação de vídeo sobre o documento “Estilo de Vida Adventista”, Santa Ceia, batismos, grupos especiais de oração, visitação e oração na vizinhança, louvor congregacional, programa em uma emissora de rádio divulgando endereços das igrejas locais envolvidas no projeto, entre outras atividades idealizadas pelas igrejas. O fato é que precisamos ler mais a Bíblia, orar mais e refletir em nossa vida a alegria da grande esperança que temos no coração. ▮



ESPECIAL



Batizar pessoas não é tudo

O que a igreja deve fazer para cumprir a plenitude da grande comissão

Nestes últimos tempos, temos falado muito sobre a missão da igreja. Mas, em sua opinião, qual seria nossa verdadeira missão? Tem você uma resposta clara para essa pergunta? Buscamos trabalhar direcionando todas as nossas forças, estratégias, nossos projetos e recursos para cumprir a missão. Porém, do que realmente estamos falando? Compartilhamos a mesma visão sobre a missão?

Para alguns, o conceito envolve especificamente entregar livros missionários, realizar campanhas de evangelismo, organizar classes bíblicas e duplas missionárias. Para outros, ela é cumprida quando levamos pessoas ao batismo. Ou será que, além das questões espirituais, missão envolve prestação de serviços à comunidade? Para a maioria dos membros da igreja, missão é um movimento de dentro para fora. Em outras palavras, da igreja àqueles que ainda não entregaram o coração a Jesus.

Mas, não será essa uma visão parcial da missão? Estou certo de que tudo o que foi mencionado até aqui tem relação direta com a missão. Mas precisamos ir além. Missão não se limita à pregação do evangelho, mas envolve a preparação de um povo para o encontro com o Senhor. Ou seja, nossa missão é salvar pessoas. Essa é a essência da ordem de Cristo à igreja. Quando encaramos a missão segundo esse ponto de vista, começamos a entender que ela envolve não apenas os de fora, mas também os de dentro da igreja.

Desafio interno e externo

Se quisermos preparar um povo para o encontro com o Senhor Jesus, precisamos confirmar aqueles que um dia aceitaram o caminho e diariamente buscam renovar sua experiência de salvação. Parte desse trabalho implica envolvê-los na busca daquelas pessoas que ainda não tomaram essa decisão. Nossa missão envolve um desafio interno e externo.

Essa visão mais ampla e completa precisa servir de base para nossas estratégias de trabalho. Uma igreja que centraliza sua missão apenas em atividades internas, tentando manter a pureza, vida espiritual, qualidade da adoração e atividades relacionais se tornará vazia, árida e sem vida. No outro extremo, está uma congregação cujas atividades se limitam apenas ao movimento externo. Ela poderá parecer atraente e dinâmica, mas será superficial. Acredita que pode dar o que não tem; mas, finalmente se torna cheia de pessoas vazias. Precisamos estar atentos ao risco do desequilíbrio nessa visão.

Ao mesmo tempo, precisamos desenvolvê-la de forma simples, para que seja facilmente compreendida, aceita e aplicada na vida da igreja, em qualquer lugar ou cultura. É preciso uma visão que fortaleça os de dentro e atraia os de fora. Talvez seja, aparentemente, uma tarefa impossível, mas depois de muita oração,

pesquisa, discussão e avaliação, encontraremos um caminho simples que pode levar a igreja a cumprir integralmente sua missão.

A solução

Discipulado é esse caminho. Ele envolve uma visão que torna mais profunda e frutífera a experiência da igreja. Nos últimos anos, renomados autores têm se dedicado a pesquisar e escrever sobre o assunto, e grandes editoras cristãs multiplicam o número de títulos nessa área. Contudo, apesar de ser amplo e, às vezes, apresentado de forma complexa, precisamos entender o assunto e apresentá-lo de maneira simples e acessível.

Vamos trabalhar com apenas três princípios de discipulado, que se apresentam em palavras bem fáceis de ser usadas e memorizadas: comunhão, relacionamento e missão. O debate sobre discipulado pode envolver uma metodologia mais ampla e ir além dessas palavras. Porém, elas resumem a essência da caminhada com Deus. Se discipulado é seguir os passos do Mestre, isso acontece magnificamente por meio de comunhão, relacionamento e missão. Dessa visão deve derivar todas as demais iniciativas da igreja. Sem essa base, nossos esforços poderão parecer bem intencionados, mas se tornarão superficiais.

Por isso, quero convidá-lo a manter essa visão em sua vida, seu ministério, pregação, no planejamento do trabalho distrital, e nas demais atividades que realiza, qualquer que seja a função que você desempenha na igreja. Quanto mais fortalecermos esses princípios e sua aplicação prática, mais sólida será a experiência espiritual de toda a igreja. Juntos, precisamos concentrar nossos esforços nessa direção. O primeiro passo é entender; depois, experimentar; finalmente, envolver a igreja.

A prática

O programa da Divisão Sul-Americana para 2013 está direcionado

a fortalecer em cada adventista do sétimo dia a experiência cristã envolvida nas três palavras mencionadas. Ao planejar seu trabalho pastoral, siga esse plano, sentindo-se livre para ampliar as iniciativas de acordo com sua realidade; porém, mantendo os três princípios. São estes os planos:

“Se quisermos preparar um povo para o encontro com Jesus, devemos investir no discipulado”

Comunhão: Esse é um chamado à reconsecração, ocupando a primeira hora do dia na presença de Deus, clamando pelo batismo do Espírito Santo. Para isso, a igreja dispõe de excelentes recursos devocionais como a Bíblia, *Lição da Escola Sabatina*, *Meditações Diárias*, escritos de Ellen G. White, manuais da Jornada Espiritual, entre outros. Não se esqueça do projeto “Reavivados por Sua Palavra”, (twitter: #rpsp), lançado pela liderança mundial da igreja e que tem sido uma bênção, através da leitura diária de um capítulo da Bíblia (veja www.reavivamentoe reforma.com.br).

Outra iniciativa diz respeito aos dez dias de oração (28 de fevereiro a 9 de março). O último sábado dessa semana será uma convocação para que toda igreja permaneça em jejum e oração, durante dez horas.

Relacionamento: Nesse item, devemos envolver cada membro em um pequeno grupo, que é o ambiente relacional mais forte e efetivo que possuímos. No pequeno grupo, as pessoas são mais envolvidas, amadas, capacitadas e aprofundadas em estudos. Buscamos um processo progressivo, maduro e equilibrado dos pequenos grupos através dos protótipos, da multiplicação e formação de liderança. Uma igreja comprometida com pequenos grupos torna-se forte interna e externamente.

O programa de evangelismo da Semana Santa (24-31/03/2013) será realizado nos pequenos grupos. Terá seu início nas casas e será concluído no último fim de semana (sexta-feira a domingo) no templo.

Missão: Cada membro da igreja deve estar comprometido com a tarefa de testemunhar para os amigos, de acordo com seus dons espirituais, ou seja, da maneira que mais apreciam ou para a qual se sentem vocacionados. Uns poderão pregar; outros, convidar pessoas, entregar literatura e orar. O importante é que todos participem.

Três iniciativas especiais estão programadas para este item do projeto:

■ *Plantio de igreja, com ênfase nas grandes cidades.* Dentro do desafio da igreja mundial, cada Campo escolherá uma cidade grande e, em uma região elitizada ou desafiadora, trabalhará a fim de plantar uma igreja. Ao mesmo tempo, cada distrito pastoral continuará empenhado em plantar uma igreja durante o ano.

■ *Impacto Esperança.* O dia “E”, dia da esperança, será 20 de abril. Nesse dia, terminaremos a entrega do livro *A Grande Esperança*, em cada casa. Nos lugares em que o livro já foi entregue, será distribuído o DVD “A última esperança”, contendo 15 estudos sobre as cartas do Apocalipse. O material foi gravado na terra santa, pelo pastor Luís Gonçalves, evangelista da Divisão Sul-Americana.

■ *Evangelismo via satélite.* A partir de uma casa, o pastor Luís Gonçalves pregará para membros e amigos reunidos nos pequenos grupos, ou em lares adventistas. O programa será transmitido em português nos dias 17-23 de novembro. Em espanhol, entre 24 e 30 de novembro.

Caro pastor, sei que seu ideal é conduzir o rebanho do Senhor a um profundo e frutífero relacionamento com Ele. Por isso, aprofunde-se nessa visão de missão e discipulado, participe das iniciativas programadas, e você verá que sua vida, seu ministério e sua igreja terão uma experiência marcante com Deus. ▀

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana

O que Deus espera de nós

Qualidades indispensáveis aos líderes da igreja, frente aos atuais desafios missionários

No ano 457 a.C., Deus encontrou um excelente líder que trabalhou arduamente para reconstruir a cidade de Jerusalém. Trata-se de Esdras, extraordinário obreiro. Porém, como todos os seres humanos, ele tinha limitações. Transcorrida uma década, a tarefa estava inacabada. Por isso, em 444 a.C., o Senhor, que não deixa as coisas pela metade, buscou e encontrou outro líder, Neemias. No livro que leva seu nome encontramos alguns atributos que o credenciaram a ser usado por Deus.

Interesse. O primeiro desses atributos é o interesse. Ao saber que Hanani havia chegado de Jerusalém, Neemias lhe perguntou “acerca dos judeus que restaram, os sobreviventes do cativeiro, e também sobre Jerusalém” (Ne 1:2). Diante do triste relatório (v. 3), o profeta reagiu demonstrando seu interesse pelo povo de Deus: “Quando ouvi essas coisas, sentei-me e chorei. Passei dias lamentando-me, jejuando e orando ao Deus dos céus” (v. 4).

Evidentemente, Neemias estava interessado no bem-estar de seu povo. Ele poderia ter dito: “Sou copeiro do rei, não fui chamado ao ministério pastoral ou profético, não sou sacerdote, não tenho sangue real...” Mas não foi assim. Sua atitude foi exemplar para nós que, no século 21, parecemos estar rodeados de pessoas infectadas pelo vírus da indiferença. Não podemos nos deixar contagiar.

Intercessão. Nos versos seguintes encontramos outra característica de Neemias: atitude de intercessor. “Então eu disse: Senhor, Deus dos Céus, Deus grande e temível, fiel à aliança e misericordioso com os que Te amam e obedecem aos Teus mandamentos, que os Teus ouvidos estejam atentos e os Teus olhos estejam abertos para a oração que o Teu servo está fazendo diante de Ti, dia e noite, em favor de Teus servos, o povo de Israel. Confesso os pecados que nós, os israelitas, temos cometido contra Ti. Sim, eu e o meu povo temos pecado” (v. 5, 6).

Planejamento e motivação. Outra virtude desse grande líder foi a capacidade de planejar ações. “Respondi ao rei: Se for do agrado do rei e se o seu servo puder contar com a sua benevolência, que ele me deixe ir à cidade onde meus pais estão enterrados, em Judá, para que eu possa reconstruí-la” (Ne 2:5) Os versos 7 a 16 expõem os detalhes de seu plano de ação. Porém, Neemias não apenas tinha um bom plano de ação, mas possuía a motivação correta. O profeta adicionou a seu relato a expressão: “o que o meu Deus havia posto em meu coração” (v. 12).

Habilidade para convencer. Nos versos 17 e 18 do segundo capítulo do livro, o profeta disse: “Vejam a situação terrível em que estamos: Jerusalém está em ruínas, e suas portas foram destruídas pelo fogo. Venham, vamos reconstruir os muros de Jerusalém, para que não fiquemos mais nesta situação humilhante.

Também lhes contei como Deus tinha sido bondoso comigo e o que o rei me tinha dito. Eles responderam: ‘Sim, vamos começar a reconstrução’. E se encheram de coragem para a realização desse bom projeto.”

Jaume Soler escreveu: “Alguém pode oferecer suas ideias a outra pessoa como balas ou como sementes. Pode dispará-las ou semeá-las; atingir com elas a cabeça das pessoas ou plantá-las em seu coração. As ideias usadas como balas matarão a inspiração e neutralizarão a motivação. Usadas como sementes, lançarão raízes, crescerão e se tornarão realidade nas vidas em que foram plantadas. O único risco de serem usadas como sementes é que, uma vez crescidas e se tornado parte daqueles nos quais foram plantadas, é provável que nunca reconheçam o mérito de quem as plantou. Porém, quem está disposto a dar tudo terá uma rica colheita.”

Espírito de equipe. O relato sagrado informa: “Nesse meio tempo fomos reconstruindo o muro, até que em toda a sua extensão chegamos à metade da sua altura, pois o povo estava totalmente dedicado ao trabalho” (Ne 4:6). Neemias trabalhava unido ao povo. Todo bom líder pergunta a si mesmo se seu estilo de trabalho une ou divide as pessoas.

Nesse ambiente, observamos que Neemias era dirigido pelo mesmo princípio que deve nortear o evangelismo integrado: “Aqueles que transportavam material faziam o trabalho com uma mão e com a outra seguravam uma arma, e cada um dos construtores trazia na cintura uma espada enquanto trabalhava; e comigo ficava um homem pronto para tocar a trombeta” (v. 17, 18). Ou seja, enquanto trabalhavam, protegiam ou conservavam o que havia sido alcançado.

Sabedoria para resolver problemas. Esse obreiro escolhido por Deus tinha habilidade para solucionar tanto conflitos internos como externos. O capítulo 5 relata um

grande conflito interno, gerado por lutas sociais. Imediatamente, Neemias o resolveu. Porém, também demonstrou ser valoroso para solucionar problemas externos que não foram pequenos. Nada o intimidava, como podemos ver no sexto capítulo.

Determinação. Certamente, uma das maiores virtudes de um líder é sua determinação para completar a tarefa proposta. “O muro ficou pronto no vigésimo quinto dia de elul, em cinquenta e dois dias” (Ne 6:15).

Espiritualidade. Neemias entendeu que, mesmo tendo acabado de construir os muros, ainda havia algo supremamente importante a ser feito, isto é, trabalhar pelo reavivamento e reforma. Os capítulos 8 e 9 falam a respeito disso. Chama-nos a atenção, especialmente, o fato de como foram reavivados pela Palavra: “Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido” (Ne 8:8).

Espírito de gratidão. Estando reconstruídos os muros, e o povo reavivado pela Palavra, tinha chegado a hora de celebrar. No capítulo 12, a partir do verso 27, encontramos a grande celebração. Os louvores eram tão intensos que “podiam ser ouvidos de longe” (v. 43). Acaso não recebemos mais bênçãos pelo fato de, às vezes, louvarmos tão pouco? Verdadeiros líderes não somente trabalham arduamente, mas, ao concluir a tarefa, celebram.

É-nos dito que durante a celebração, “ofereceram grandes sacrifícios” (v. 43). Assim, cada ato de adoração deve estar banhado no sangue do Cordeiro.

Finalmente, chegamos a 2013. Diante de nós está o desafio de “reconstruir” as grandes cidades. Esse desafio não é menor que o de Neemias. Por isso, o Senhor continua buscando líderes com as mesmas qualidades daquele Seu servo. Ele deve encontrá-los em mim e em você. ▀



Diretor de Escola Sabatina
e Missão Global da Divisão
Sul-Americana

O desafio metropolitano

“Devemos fazer mais do que temos feito para alcançar as pessoas de nossas cidades”

Para melhor compreendermos o papel que a igreja deve realizar nas cidades, é importante que conheçamos a origem e a natureza delas.

No livro de Gênesis, lemos que “Caim teve relações com sua mulher, e ela engravidou e deu à luz Enoque. Depois Caim fundou uma cidade, à qual deu o nome do seu filho Enoque” (Gn 4:17). Sabemos que Gênesis é o livro das origens; tanto do ser humano como de outras coisas. Nesse caso está a origem da primeira cidade, exatamente como resultado de uma rebelião contra Deus.

Tudo começou na ocasião em que Caim e Abel levaram as respectivas ofertas ao Senhor. Por haver levado, em sua rebeldia, uma oferta contrária às expectativas de Deus, Caim foi alvo do desagrado divino e sua oferta foi rejeitada pelo Senhor. Por essa razão, ele foi condenado a vagar errante, como estrangeiro, e a terra por ele cultivada não voltaria a frutificar (Gn 4:5, 12).

Acostumado a viver estabelecido em um lugar, Caim não gostou da

ideia de viver como fugitivo. Assim, na tentativa de fugir do castigo divino, ele resolveu construir uma cidade na qual se estabeleceria, alimentando a expectativa de conseguir que outras pessoas cultivassem a terra.

Concentração de pecadores

No restante do capítulo, encontramos o que parece ser uma genealogia. Porém, trata-se de uma referência às características da descendência de Caim. Nessas características, é possível ver o estilo de vida que a cidade foi adquirindo. Com a concentração de pessoas em uma cidade, é produzida uma crítica massa de pecado, por causa do ajuntamento de pecadores. E, quando os pecadores se juntam em algum lugar, produz-se uma sinergia que potencializa o pecado. A maldade é potencializada, razão pela qual há tanta maldade nas cidades.

Existem maldades que costumam acontecer com maior intensidade nas grandes cidades, como por exemplo, prostituição, violência, crimes, poluição, entre outras. No relato bíblico

em consideração, encontramos Lameque, o primeiro homem que teve duas mulheres; o primeiro bigamo (Gn 4:19). Essa foi mais uma expressão de rebelião, reveladora de que nas grandes cidades potencializam-se os pecados de imoralidade sexual, promiscuidade e outros, embora isso também ocorra em vilarejos rurais. Porém, é mais comum acontecer nas cidades, especialmente nas maiores.

Houve também Tubalcaim, outro descendente de Caim, artifice de todo tipo de bronze e ferro. Com essa habilidade, surgiu a fabricação de armas, conseqüentemente, a violência (Gn 4:22). No poema de Lameque: “Ada e Zilá, ouçam-me; mulheres de Lameque, escutem minhas palavras: Eu matei um homem porque me feriu, e um menino, porque me machucou. Se Caim é vingado sete vezes, Lameque o será setenta e sete” (v. 23, 24), encontramos uma apologia à violência. Esse é o problema das cidades: belos aspectos como arte podem se tornar instrumentos do desagrado de Deus.

O papel da igreja

Diante disso, a grande pergunta com a qual nos deparamos é a seguinte: O que faz a igreja para mudar essa situação? Muitas vezes, ela se conserva demasiadamente silenciosa ou rejeita as artes. Contudo, o ideal é que motivássemos pessoas a usar a arte para exaltar a Deus. No próprio campo da arte, deve-se servir a Deus para combater o mau uso da arte. Em todas as grandes cidades, há pessoas que trabalham nas áreas de medicina, comércio, educação, entre outras. A igreja precisa imiscuir-se nas diversas áreas da vida, para que possa exercer influência positiva. Se a igreja não exercer impacto na sociedade, essa vai exercer impacto na igreja.

De que maneira podemos causar esse impacto? Ellen G. White responde: “O Senhor me apresentou a obra que tem de ser feita em nossas cidades. Os crentes aí devem trabalhar para Deus nas vizinhanças de sua casa. Necessitam fazê-lo quieta e humildemente, levando consigo, aonde quer que forem, a atmosfera do Céu. Se perderem de vista o próprio eu, apontando sempre para Cristo, será sentido o poder de sua influência” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 128).

A vida citadina parece estar dividida em períodos. Nesse contexto, alguns membros da igreja como que dizem: “Pela manhã, trabalho; à tarde, estudo e, à noite ou no sábado, sou adventista.” Isso significa que não veem relação nenhuma entre a fé e as atividades cotidianas. Falamos de vida material e vida espiritual; vida secular e vida religiosa. Separamos duas esferas, e isso significa aceitar o modelo da cidade. Faz-nos pensar que devemos obedecer a Deus somente na igreja e, no trabalho, podemos ter outro estilo de vida. Ou seja, achamos que o evangelho nada tem a dizer às nossas ocupações profissionais, sociais e estudantis.

Porém, a Bíblia nos ensina que somos indivisíveis. Jesus não fez tal fracionamento. Sendo cristãos na igreja, também devemos ser cristãos

em todos os aspectos da vida. Afinal, como afirmou Henry Ward Beecher, “se um homem não pode ser cristão no lugar em que está, não pode ser cristão em nenhum outro lugar”. A igreja não deve se ajustar ao padrão da cidade, pois somente assim pode causar impacto na sociedade. Se a cidade promove o individualismo, a igreja incentiva a vida em comunidade. Se a cidade promove a indiferença para com o sofrimento humano, a igreja enfatiza a compaixão, a misericórdia. Ela deve ser o bom samaritano que leva bálsamo para os feridos da cidade. A cidade tem muitas pessoas feridas!

Salvação para todos

É comum as pessoas quererem sair da cidade, porque o crescimento das favelas que a cercam favorece o aumento da violência, expondo-as a muitos perigos. Assim, procuram lugares mais tranquilos para viver. Semelhantemente, muitas igrejas parecem interessadas em se mover para lugares tranquilos, ou seja, põem luz sob o velador, contrariando os valores do evangelho. O Senhor veio para salvar não apenas os que se acham sãos, mas também os enfermos.

Se Deus vai até a cidade, a igreja não pode querer deixá-la. Caso pensemos diferente disso, ainda não O compreendemos. Por isso, a igreja deve ser reavivada. O Senhor deseja que sejamos sal e luz nas grandes cidades. Temos uma missão para ser cumprida nas grandes cidades. Temos uma verdade a ser comunicada nas grandes cidades. É tempo de fazê-lo!

Tomando iniciativas

Sob o lema “Esperança para as grandes cidades” a liderança mundial da Igreja Adventista pretende alcançar o maior número de pessoas que vivem nas grandes cidades. Nesse sentido, ressaltamos duas grandes iniciativas:

Plantio de igrejas em lugares desafiadores. Com muito esforço, nossos pioneiros estabeleceram igrejas em

lugares difíceis. Hoje, nosso desafio é estabelecer a presença adventista em lugares diferenciados ou elitizados, sem deixar de continuar avançando nos lugares periféricos.

Onde já temos igrejas estabelecidas, a ideia é tornar a igreja mais relevante, abrindo as portas nos dias da semana. Por exemplo, na terça-feira, os jovens podem atuar explorando temas de saúde; às quintas-feiras, os ministérios da família e da mulher podem se unir para apresentar temas afins, em benefício da comunidade. Os pequenos grupos servirão como base para a nova igreja.

Estabelecimento de centros de influência. De acordo com o inspirado conselho de Ellen G. White, “devemos fazer mais do que temos feito para alcançar as pessoas de nossas cidades. Não devemos constituir grandes edifícios nas cidades, mas repetidas vezes, foi-me esclarecido que devemos estabelecer em todas as nossas cidades pequenas instalações que se tornem centros de influência” (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 481).

Ela diz mais: “Há grande variedade de trabalho, adequado às diversas mentes e às várias capacidades” (*Evangelismo*, p. 444).

“Deus está chamando não somente pastores, mas também médicos, enfermeiros, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados membros da igreja, possuidores de diferentes talentos, que tenham o conhecimento da Palavra de Deus e possuam o poder de Sua graça, para que considerem as necessidades das cidades não advertidas” (*Atos dos Apóstolos*, p. 158, 159).

Como vimos, a Bíblia apresenta a preocupação de Deus pelas grandes cidades, o que é reiterado nos escritos de Ellen G. White. A atual tendência da população mundial, de centralizar-se mais e mais nas grandes cidades, faz com que a preocupação da igreja também seja manifesta no evangelismo urbano. Que possamos ter pelas multidões de hoje a mesma compaixão demonstrada por Jesus, em relação às multidões de Seu tempo. ▀

Evangelista da
União Central Brasileira

O Presidente da missão

“Não existem substitutos para o Espírito Santo na vida e no ministério de um líder cristão”



Uma das medidas do progresso do homem através dos tempos tem sido sua descoberta e utilização da energia: o poder muscular de homens e animais, fogo, vento, gás, carvão e óleo, vapor, energia elétrica e nuclear. No entanto, estranhamente e, infelizmente, poucos têm reconhecido e utilizado o poder espiritual de Deus. Onde quer que o Espírito Santo é mencionado na Bíblia, está relacionado ao poder de uma forma ou de outra. Mas, a maior ênfase é o poder espiritual.¹ Por meio de muitas e variadas maneiras, o Espírito Santo impulsionou o evangelismo da igreja apostólica. Vejamos:

A plenitude do Espírito deu ousadia aos apóstolos. De acordo com Atos 4:31, “depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a Palavra de Deus”. Alguns dizem que o batismo do Espírito leva pessoas a falar em línguas estranhas. No entanto, o livro de Atos mostra

que esse batismo resultou em evangelismo ousado e poderoso.

O Espírito Santo comissionou evangelista e missionários. Paulo explicou que Deus chamou alguns para servir como apóstolos, profetas, evangelistas pastores e mestres (Ef 4:11). Essas pessoas foram chamadas e capacitadas pelo Espírito Santo, a fim de que pudessem estabelecer e conduzir a igreja. Sua responsabilidade especial é capacitar os membros da igreja para o ministério. Atos 13:1-3 informa como o Espírito Santo chamou Paulo e Barnabé para que servissem como missionários. O Espírito Santo deu à igreja líderes necessários para cumprir sua missão.

O Espírito Santo guiou Seus servos de maneira graciosa, na resolução de tensões e problemas graves (At 15).

O Espírito Santo operou sinais e maravilhas através dos primeiros cristãos. Esses sinais e maravilhas autenticaram a mensagem e o ministério dos apóstolos. Por meio desses milagres, o Espírito confirmou aqueles

homens como mensageiros de Deus (At 4:31; 11:14-17).

O Espírito Santo concedeu dons aos crentes. Paulo explicou, em 1 Coríntios 12 e 14, a maneira pela qual o Espírito Santo outorgou dons para os membros da igreja, a fim de que pudessem cumprir seu papel na edificação do corpo de Cristo. Esses crentes talentosos eram elementos-chave para o crescimento da igreja primitiva.

O Espírito Santo guiou o plantio de igrejas e prescreveu o meio principal pelo qual o evangelho deve crescer em todo o mundo. Esses meios incluem proclamação do evangelho, testemunho dinâmico dos santos, orações perseverantes das igrejas e disposição dos santos para sofrer pelo evangelho de Jesus Cristo (At 13-19).

O Espírito Santo inspirou os apóstolos a fim de que preparassem uma literatura permanente para orientação das igrejas no exercício de sua missão, preservação da mensagem e do estilo cristão de vida (2Pe 1:19-21; 2Tm 3:16, 17).



Tais funções do Espírito Santo são vitais para a missão. Além disso, não devemos nos esquecer do trabalho adicional do Espírito Santo na vida dos cristãos. Ele é “garantia” de nossa herança futura em Cristo (Ef 1:13, 14). Andar no Espírito leva à vitória sobre os desejos carnis (Gl 5:16). É Ele quem derrama o amor de Deus em nosso coração (Rm 5:5). Sua presença interior produz confiança não apenas em nossa salvação, mas também em nossa ressurreição (Rm 8:9-11), e distribui dons para edificação do corpo e para o trabalho do ministério (Ef 4:11, 12).

A superintendência do Espírito Santo nas missões é evidente em todo o Novo Testamento. Fica claro que o Espírito Santo não apenas residia na igreja primitiva, mas a presidia.² Dwight Moody afirmou que “não há melhor evangelista no mundo do que o Espírito Santo”.³ “Evangelismo sem o Espírito Santo”, observou Miles Delos, “é como um corpo sem vida.”⁴ “Não existem substitutos para o Espírito Santo na vida e no ministério de um líder cristão”, declarou Duewel, acrescentando que “estamos em perigo de ser mais bem treinados no nível humano do que capacitados pelo Espírito.”⁵ Ellen G. White também exaltou o papel do Espírito no cumprimento da missão:

“A pregação da Palavra não é de nenhuma utilidade sem o auxílio do Espírito Santo... Um pastor pode ser capaz de apresentar a letra da Palavra de Deus, pode estar familiarizado com todos os seus mandamentos e promessas, mas sua sementeura do evangelho não terá êxito a menos que a semente seja despertada para a vida pelo orvalho do Céu. Sem a cooperação do Espírito de Deus, nenhuma vantagem, por maior que seja, pode tornar uma pessoa um canal de luz.”⁶

Apesar disso, ela observou uma triste atitude dos adventistas do sétimo dia em relação à dependência do Espírito Santo: “A impressão quanto ao Espírito Santo tem sido a de que esse dom não é para a igreja agora, mas de que em algum tempo no futuro será necessário à igreja recebê-lo.”⁷

Infelizmente, muitos cristãos consideram o Espírito Santo uma nova descoberta dos carismáticos e pentecostais. No entanto, precisamos entender que Ele não é posse exclusiva de denominações particulares. Sem Seu trabalho contínuo, os esforços missionários seriam impossíveis. E porque Ele continua fazendo essas coisas ainda hoje, a história do livro de Atos é um relato inacabado. Cada seguidor de Cristo tem seu próprio

ministério a cumprir, e cada qual deve fazê-lo sob a orientação e o poder do Espírito Santo.⁸

“Devemos confiar na orientação do Espírito Santo para determinar o que vamos fazer e quando fazê-lo”

Ore pedindo o Espírito Santo

Existem várias situações modernas e tendências globais que desafiam a grande comissão dada por Cristo à Sua igreja. Por exemplo, como encontrar melhores maneiras para alcançar pessoas em áreas urbanas, que agora compõem mais de 50% da população mundial? Como superar o nacionalismo que influencia algumas pessoas a rejeitar tudo que vem de qualquer outra nação? Como aproveitar a globalização que abre as portas da comunicação para novas ideias, de maneira a evangelizar muitos que vivem na ignorância do evangelho? Mais do que nunca, devemos buscar a orientação do Espírito Santo para nossa vida e missão.

Pouco antes de subir ao Céu, Jesus disse a Seus discípulos: “Eu lhes envio a promessa de Meu Pai;



mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto” (Lc 24:49). Por que Jesus disse isso? Ele sabia que Seus discípulos precisavam desesperadamente de capacitação do Espírito Santo. Como poderiam eles saber para onde deviam ir, ou o que fazer, sem a orientação do Espírito?

Há vários exemplos de orientação do Espírito Santo na Palavra de Deus. Em Atos 8, Filipe foi instruído pelo anjo a levar o evangelho ao eunuco. As instruções recebidas do anjo devem ter parecido estranhas para Filipe, afinal, ele estava tendo magníficos resultados na evangelização de Samaria. Mas Deus necessitava de um “construtor de pontes” como Filipe para levar o evangelho a um território estrangeiro, desafiar antigos preconceitos e alcançar pessoas receptivas ao evangelho. Assim, também, devemos ser sensíveis ao Espírito, que nos levará às pessoas que estão prontas para responder ao evangelho.

No relato da conversão de Paulo em Atos 9, Deus instruiu Ananias acerca das necessidades de Saulo. Instruiu Cornélio a enviar seus servos em busca de Pedro e, ao mesmo tempo, usou uma visão para impressionar Pedro sobre a necessidade de os gentios terem a salvação (At 10). Em Atos 16, Paulo, Silas e Timóteo

visitavam as igrejas plantadas durante a primeira viagem missionária, quando tentaram entrar na província da Bitínia, e novamente “o Espírito de Jesus os impediu” (At 16:7).

Finalmente, eles foram para Trôade, aparentemente para aguardar a orientação divina. Ali, Paulo teve a visão de um macedônio que implorava: “Passe à Macedônia e ajude-nos” (v. 9). O apóstolo compreendeu imediatamente que essa era a vontade de Deus. Portanto, ele e seus companheiros viajaram para Filipos, onde fundaram uma importante igreja. Esses exemplos nos lembram de que não podemos trabalhar em qualquer lugar nem fazer tudo de uma só vez. Devemos confiar na orientação do Espírito Santo para determinar o que vamos fazer e quando fazê-lo. Calvino afirmou que “não há nada pior para bloquear o Espírito Santo do que a confiança em nossa própria inteligência”.⁹ Ellen G. White parece concordar com ele:

“Não podemos servir-nos do Espírito Santo; Ele é que nos há de usar a nós... Mas muitos não se querem submeter a ser guiados. Querem dirigir-se a si mesmos. Eis porque não recebem o dom celestial. O Espírito Santo é concedido apenas àqueles que esperam humildemente em

Deus, que estão atentos à Sua guia e graça. Essa bênção prometida e reivindicada pela fé traz consigo todas as demais bênçãos.”¹⁰

É por falta dessa orientação que muitas igrejas se acham tão ocupadas fazendo boas coisas, que negligenciam as coisas prioritárias.

Ministério de intercessão

Hoje, se o Espírito Santo deixasse sua igreja, alguém iria notar? Acontece algo em sua congregação que parece intervenção direta do Espírito Santo, e não simplesmente devido ao esforço humano? Que impacto sua igreja tem produzido em sua comunidade? Como o proverbial sapo na panela, a perda da espiritualidade é tão gradual e tão sutil que muitas igrejas hoje sofrem de estagnação e inércia missionária.¹¹ Dezenas de igrejas não batizaram ninguém no ano passado e muitas comunidades desconhecem ou acham que a igreja é irrelevante. O evangelista R. A. Torrey lamenta essa situação:

“Sempre estamos ocupados demais para orar, ocupados demais para ter poder. Temos uma grande quantidade de atividades, mas realizamos pouco; muitos serviços, mas poucas conversões, muitos equipamentos, mas poucos resultados.”¹²

Os cristãos da era apostólica não tinham nenhuma de nossas vantagens; não tinham nem mesmo o Novo Testamento. Ainda assim, eles viraram o Império Romano de cabeça para baixo.¹³ O Espírito Santo não apenas inaugurou uma era de missões, mas criou uma atmosfera de missões na qual a igreja pode atuar. O evangelista G. Campbell Morgan afirmou que “o reavivamento não pode ser organizado, mas podemos içar nossas velas para apanhar o vento do céu, quando Deus decidir soprar sobre Seu povo mais uma vez”.¹⁴

A maneira de fazê-lo é por meio da oração. Essa é certamente uma boa iniciativa para a igreja hoje. A oração é tanto o termômetro quanto o termostato da igreja local, pois a “temperatura espiritual” sobe ou desce, dependendo de como o povo de Deus ora. Posso até sentir um tom de urgência nas palavras de Ellen G. White, em seu desejo de ver uma revolução missionária na igreja que tanto amou: “Por que não temos fome nem sede do dom do Espírito Santo, visto ser esse o meio pelo qual haveremos de receber poder? Por que não falamos sobre Ele, não oramos por Ele e não pregamos a Seu respeito?... Grupos devem se reunir para pedir auxílio especial, sabedoria celestial, a fim de que saibam como fazer planos e executá-los, com sabedoria...”

“A presença do Espírito Santo com os obreiros de Deus conferirá à apresentação da verdade o poder que nem toda a honra ou glória do mundo poderiam dar.”¹⁵

Observem que ela relaciona o poder do Espírito ao cumprimento da missão. Isso requer pedidos específicos, envolvendo a missão de Deus. O Novo Testamento apresenta muitos motivos para oração específica. A lista não é exaustiva, mas é ilustrativa. Somos exortados a orar por evangelistas (Mt 9:38), missionários (At 13:3), portas abertas (Cl 4:3), novos crentes (Cl 1:9), unidade congregacional (1Tm 2:8), perdidos (Rm 10:1).

Devemos orar especificamente, e devemos nos alegrar e agradecer a

Deus quando Ele responde às nossas orações. Muitos cristãos mantêm um diário de oração em que registram seus pedidos e respostas às orações. Há muitas maneiras de desenvolver um ministério de oração. Na maioria das igrejas a oração é uma atividade, mas não um ministério intencional. Aqui estão algumas maneiras pelas quais você pode mobilizar os membros de sua igreja para orar:

Corrente de oração. Uma corrente de oração é um grupo de crentes que se comprometem com a oração intercessora. Quando surge uma necessidade, os membros da corrente comunicam a notícia e começam a orar pela situação específica.

Grupos de oração. Esse é um grupo que se reúne regularmente para oração e encorajamento mútuo. A cada frequentador é dada oportunidade de compartilhar pedidos e respostas de orações em sua própria vida. Uma lista de preocupações gerais ou pedidos para o grupo é normalmente fornecida. Muitos grupos de oração hoje são frequentemente chamados de “pequenos grupos”. Você também pode querer incentivar as classes da Escola Sabatina a fazer da oração parte significativa da reunião semanal.

Dia especial de oração. Algumas igrejas estão designando dias especiais para oração e jejum. Mais igrejas precisam fazer isso e, quando o fizerem, irão testemunhar um reavivamento na congregação e na denominação.

Retiros de oração. Proporcionam oportunidade para que os crentes aprendam mais sobre a oração e a orar com menos distrações.

Caminhadas de oração. Esse método é inspirado na experiência de Josué em Jericó. Organize caminhadas com dois ou mais crentes para interceder pela vizinhança ou em comunidades que se pretende evangelizar. Enquanto caminham, orem por entendimento sobre a melhor maneira de satisfazer as necessidades práticas da comunidade e mostrar o amor de Cristo. Peçam que Deus

revele pessoas receptivas (Mt 10:11; Lc 10:6) da área e prepare o coração das pessoas para receber Sua Palavra.

Em suma, concluímos que a função do Espírito Santo na missão é indispensável. Como a missão tem origem em Deus, só pode ser cumprida com a ajuda divina. O Pentecostes foi um acontecimento vital na história da missão. O Espírito Santo constituiu a igreja e permaneceu com ela para realizar a missão. Ele a guia (Jo 16:13), produz frutos (Gl 5:22) e a capacita com dons espirituais (Rm 12:6-8). Seu trabalho vai continuar até a vinda de Jesus Cristo.

Os cristãos devem suplicar o poder a fim de cumprir a grande comissão, mas devem entender que esse poder não virá sem a cooperação dos membros. Concluo com as palavras de Ellen G. White: “Nosso dever é não estarmos olhando adiante, a um tempo especial para alguma obra especial a ser feita em nosso favor, mas ir avante em nossa obra de advertir o mundo; pois devemos ser testemunhas de Cristo até aos confins do mundo.”¹⁶ ■

Referências:

- 1 H. H. Hobbs, *My Favorites Illustrations* (Nashville, TN: Broadman Press, 1990), p. 137.
- 2 G. W. Peters, *A Biblical Theology of Missions* (Chicago, IL: Moody Press, 1972), p. 304.
- 3 M. Walter, *The New Encyclopedia of Christian Quotations* (Alresford, NH: John Hunt Publishers Ltd., 2000), p. 487.
- 4 Delos Miles, *Introduction to Evangelism*, p. 199.
- 5 *Ibid.*, p. 79.
- 6 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 284.
- 7 _____, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 174.
- 8 J. M. Terry, E. C. Smith e J. Anderson, *Missiology: An Introduction to the Foundations, History, and Strategies of World Missions* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1998), p. 108, 109.
- 9 M. Walter, *Op. Cit.*, p. 486.
- 10 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 285.
- 11 M. Brunson e E. Caner, *Why Churches Die: Diagnosing Lethal Poisons in the Body of Christ* (Nashville, TN: Broadman, 2005), p. 74.
- 12 R. A. Torrey, *The Baptism with the Holy Spirit* (Chicago, NY: Fleming H. Revell Company, 1985), p. 30.
- 13 J. M. Terry, *Church Evangelism: Creating a Culture for Growth in Your Congregation* (Nashville, TN: Broadman, 1997), p. 16.
- 14 Galaxie Software, *10.000 Sermon Illustrations*, Biblical Studies Press, 2000.
- 15 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 22.
- 16 _____, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 190.



Diretor de Adventist Frontier
Missions, Berrien Springs,
MI, Estados Unidos

Do parto à maturidade

Entregar ao mundo cristãos plenamente sadios, que gerem mais cristãos, é um ideal digno de todo investimento

Algum tempo atrás, estive pensando sobre o custo de se ter um bebê. Talvez isso tenha ocupado minha mente porque estou esperando que, um dia, meus filhos me deem alguns netos. Então, em nome dos meus filhos, fiz algumas pesquisas e identifiquei os seguintes custos:

- Uma noite de paixão.
- Nove meses de incubação.
- Algumas horas de dor intensa.
- Aproximadamente dez a quinze mil dólares para um parto sem complicações, em um hospital, incluindo exames pré-natais, vitaminas, roupas de gravidez, entre outras coisas.

Isso me levou à seguinte pergunta lógica: Quanto custa criar um bebê até a idade adulta? Decidi estabelecer como parâmetro a idade de 22 anos, sem que ele esteja na universidade. Tendo como base esse período e essa condição, minha pesquisa e experiência me levaram a acreditar que o custo médio da criação de um bebê é o seguinte:

- Noites sem dormir.
 - Preocupações infundáveis.
 - Orações constantes.
 - Orientações e disciplina.
 - Entre 350 e 400 mil dólares gastos com alimentação, vestuário, moradia, transporte, recreação, necessidades médicas e educacionais.
- Espero que meus filhos não vejam esses números, ou jamais terei netos.

Paternidade responsável

Então, uma terceira questão me ocorreu: Qual é o propósito de se ter um filho? Parece-me que, prioritariamente, o propósito de se ter um filho é apresentar ao mundo um adulto responsável e amadurecido, que possa fazer uma contribuição significativa para a sociedade. Pais responsáveis sonham com filhos se tornando médicos, cientistas, empresários, pesquisadores, escritores, realizando notáveis feitos que satisfaçam grandes necessidades. Jamais começamos com a ideia de que nossos filhos devem simplesmente

respirar e ocupar um lugar em um planeta que já enfrenta dificuldades para atender as necessidades de uma população crescente.

Por que escolhi este assunto para refletir, nestas páginas tão valiosas? Porque acredito que ele tem grande relevância para a meta de evangelismo cristão e para o plantio de igrejas no século 21.

Imagine se eu estabelecesse como propósito de minha vida, me mudar para uma cidade, ter quantos filhos fosse possível e, em seguida, sem considerar o bem-estar físico, emocional e espiritual deles, me mudasse para outra cidade para começar tudo de novo? Provavelmente, acabaria na prisão. Seria incrivelmente irresponsável e imoral da minha parte, ter filhos e deixá-los a definharem, até mesmo morrer por falta de amor, sustento e apoio. Nessas circunstâncias, como poderia esperar que algum deles alcançasse seu potencial pleno?

Porém, acaso essa mesma situação não acontece frequentemente no

âmbito do evangelismo cristão, hoje? É possível que, em nossas tentativas de ter muitos nascimentos espirituais (batismos), na verdade estejamos focalizando na direção errada? E se a medida do nosso êxito como cristãos adventistas do sétimo dia não for o número de batismos, nem o número de pessoas que frequentam a igreja cada sábado, mas o número de cristãos que, na verdade, estão contribuindo significativamente para o progresso do reino de Deus através do envolvimento missionário ativo na igreja e na comunidade?

Acaso, é possível que um grande número de pessoas envolvidas em atividades evangelísticas focalizadas no nascimento espiritual, mas falhando em se comprometer profundamente com o cuidado e o desenvolvimento em longo prazo dos novos crentes, aproxime-se da imoralidade espiritual?

Eu sei que esta sugestão causará significativa preocupação a muitos, e quero deixar claro que não estou questionando os motivos de muitos milhares de cristãos sinceramente devotados que têm se envolvido em atividades evangelísticas e missionárias de curto prazo. O que estou tentando fazer é despertar a consciência de que um compromisso com o evangelismo, sem o compromisso igualmente fundamental de desenvolver novos crentes em membros amadurecidos e ativos do corpo de Cristo, em minha opinião, é irresponsabilidade.

Desenvolvimento dos bebês espirituais

Quando nascem os bebês, nós celebramos. Porém, nessas ocasiões, o foco de tempo, dinheiro e energia imediatamente muda para a preservação e o desenvolvimento da pequena vida. Extraordinários sacrifícios são feitos para vestir, hospedar, alimentar e educar a criança. Esforços heroicos são empreendidos para salvá-la, quando adoece ou fica machucada. Durante sua jornada, a criança recebe treinamento,

encorajamento, investimento e celebração, à medida que se move através dos estágios de desenvolvimento da vida – aprender a sorrir, rolar sobre si mesma, engatinhar, andar, falar, andar de bicicleta, dirigir automóvel, formar-se na escola, casar-se, e começar tudo de novo, gerando filhos.

Esta é a grande pergunta: Onde está o correspondente senso da necessidade de desenvolver e amadurecer novos crentes no corpo de Cristo? Por que desequilibramos o foco, em missões modernas, gerando bebês espirituais enquanto investimos tão pouco em educá-los para a vida espiritual adulta?

Em média, de cada cem pessoas batizadas na igreja adventista, em todo o mundo, 34 deixam a igreja. Ainda mais alarmante é saber que, entre 40% e 50% dos jovens na faixa dos vinte anos abandonam a fé. Sim, nossa família espiritual se alegra com os muitos novos bebês, mas que índices tragicamente altos de mortalidade dessas crianças e jovens, registramos ano após ano!

Um fato igualmente trágico é que pastores, anciãos e líderes atendem a milhões de membros que se acomodam nos bancos das igrejas durante anos e décadas, raramente fazendo alguma contribuição significativa para o avanço do reino de Deus. Estima-se que apenas 15% dos membros adventistas estejam ativamente engajados em compartilhar a fé no dia a dia.

Pelas minhas estimativas, comparado com o tempo e o custo de se dar à luz um bebê, requer-se mais de 21 anos, e gasta-se entre 20 e 40 vezes o dinheiro para educar esse bebê para a maturidade. Com que se pareceria a Igreja Adventista, se fizéssemos um investimento proporcional de tempo e recursos em amar, orientar e educar os cristãos que damos à luz? Quanto mudariam essas dolorosas estatísticas!

Cada vez mais acredito que, se quisermos ver nosso Senhor vir à Terra pela segunda vez, nesta geração, não será porque demos à luz crianças espirituais e paramos nisso. Será porque, pelo poder do Espírito Santo, demos à luz, educamos e enviamos ao mundo discípulos devotados de Jesus Cristo; homens e mulheres medidos não pelo domínio de informações espirituais, mas pela maneira pela qual eles aplicam na prática essas informações, para o bem-estar e a salvação de outros.

Isso é o que desejo que minha vida seja. É por esse aspecto que eu desejo que a *Adventist Frontier Missions* e a Igreja Adventista sejam conhecidas. O nascimento de bebês são ocasiões maravilhosas. Mas a alegria de entregar ao mundo cristãos amadurecidos e capazes, que produzam mais cristãos igualmente amadurecidos e capazes, é um ideal digno pelo qual vale a pena viver, lutar, orar e trabalhar. ▀



© Tomas Sreeda | Fotolia



Secretário acadêmico e ministerial da Faculdade de Teologia da Universidade Adventista da Bolívia

A hora do poder

Nos escritos de Ellen G. White, a descrição dos resultados da comunhão diária com Deus

Ainda me lembro do dia em que, ainda criança, participei da chamada “primeira comunhão”, o sacramento da Ceia na igreja católica. A ideia era que, somente com essa prática, a pessoa já estava em comunhão com Deus, devendo repeti-la semanalmente, na missa, a fim de prestar conta pelos pecados cometidos. Porém, estaria a comunhão limitada a uma cerimônia, ou trata-se de uma experiência diária?

Nos escritos de Ellen G. White, encontramos declarações que enfatizam os benefícios e a maneira prática de se experimentar e manter comunhão com Deus. Neste artigo, destacamos algumas de suas afirmações a respeito do assunto, tendo em mente que “a comunhão com Deus é a vida do ser”.

Benefícios

Crescimento espiritual. O cristão convertido deve crescer de maneira natural. É-nos dito que “a comunhão

com Deus, mediante a oração, desenvolve as faculdades mentais e morais, e as espirituais se robustecem ao cultivarmos pensamentos sobre assuntos espirituais” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 71). A respeito da nossa absoluta dependência de Jesus, no processo desse crescimento, ela diz: “É pela comunhão com Ele, todo dia, toda hora – permanecendo nEle – que devemos crescer na graça” (*Caminho a Cristo*, p. 69). Então, “a fim de que tenhamos saúde e vitalidade no íntimo do ser, o Médico divino prescreve a comunhão com Ele” (*Manuscrito 50*, 9 de junho de 1901).

Vitória sobre o pecado. Na realidade do conflito entre o bem e o mal, “é necessário passar muito tempo em oração particular, em íntima comunhão com Deus. Unicamente assim se pode obter vitórias” (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* p. 258). “A pessoa que ama a Deus se compraz em obter forças dEle, mediante

constante comunhão com Ele. Quando a conversa com o Senhor se torna habitual, rompe-se o poder de Satanás” (*Review and Herald*, 3 de dezembro de 1889). Depois de haver recebido fortes influências do pecado, nos anos em que esteve no palácio do Egito, Moisés teve que erradicar muitas práticas perniciosas, por meio do “tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus” (*Patriarcas e Profetas*, p. 248).

Capacidade para cumprir a missão. “É impossível que alguém... desfrute comunhão com Ele e não sinta responsabilidade pelas pessoas por quem Cristo deu a vida” (*Review and Herald*, 21 de julho de 1891). “Mediante contínua comunhão [Jesus] recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. Sua experiência deve ser a nossa” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 363). Dirigindo-se a líderes da igreja, Ellen G. White menciona que eles “devem ser convertidos... pela

diária comunhão com o Senhor... será acrescentado poder vivificante aos seus esforços para a conquista de pessoas para Cristo” (*Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 158).

Fortalecimento nas provações.

Certa ocasião, Ellen G. White escreveu o seguinte, sobre sua experiência pessoal: “As dores mais agudas pareciam ter se convertido em paz e repouso. Durante muitas horas da noite, tenho mantido doce comunhão com Deus” (*Carta 28*, 1892). As provações chegam sem aviso e, às vezes, não estamos preparados para enfrentá-las. Nessas ocasiões, somente a verdadeira comunhão com Deus pode nos sustentar. Sabendo que “a hora da prova há de vir sobre o mundo inteiro... devemos estar em tão íntima comunhão com Deus, para que não caiamos na tentação, quando ela chegar” (*Review and Herald*, 15 de abril de 1890).

Transformação da vida. A comunhão transforma nossa vida. Essa transformação é possível “ao nos colocarmos intimamente ao Seu lado e manter comunhão Ele... Por meio do poder Espírito de Cristo, nosso coração e nossa vida são transformados” (*Carta 47*, 28 de março de 1903). A comunhão também habilita o pregador, pois “aquele que alimenta o rebanho de Deus deve, ele próprio, comer primeiro do pão que desceu do Céu. Ele verá a verdade a cada lado. Não se aventurará a chegar diante do povo enquanto não tiver primeiro comungado com Deus” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 340).

Como ter comunhão

Contemplando a Cristo. A comunhão tem que ver com a experiência de relacionamento com Deus. Por isso, “contemplando a Cristo somos transformados à Sua imagem, e renunciando a nós mesmos... estaremos em comunhão íntima” (*Manuscrito 48*, 26 de novembro de 1890). Ademais, a capacitação para ensinar a verdade é procedente da comunhão: “Quanto mais intimamente o ministro de Cristo estiver ligado com

Seu Mestre, por meio da contemplação de Sua vida e caráter, quanto mais perto, mais Se assemelhará a Ele e estará mais bem qualificado para ensinar Suas verdades (*El Ministério Pastoral*, p. 20).

“É pela comunhão com Ele, todo dia, toda hora – permanecendo nEle – que devemos crescer na graça”

Oração. Sem oração, não pode haver comunhão. “Oração é comunhão com Deus, a fonte da sabedoria, o manancial de poder, paz e felicidade” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 91). “Era nas horas de oração solitária que Jesus, em Sua vida terrestre, recebia sabedoria e poder” (*Educação*, p. 259). Então, para os pastores, a preocupação primária deve ser a busca de comunhão. “O ministro que ora, que tem fé viva, manifesta obras correspondentes, e grandes resultados acompanham seu trabalho, apesar dos obstáculos combinados da Terra e do inferno” (*El Ministério Pastoral*, p. 24).

Estudo da Bíblia. Atentemos para a seguinte reflexão, dirigida aos pastores: “Observem zelosamente seus momentos de oração, estudo da Bíblia e exame de consciência. Reservem parte de cada dia para estudar as Escrituras e comungar com Deus” (*El Ministério Pastoral*, p. 22).

Obediência e submissão. “Somente por meio de sincera obediência se pode obter essa comunhão” (*Manuscrito 120*, 8 de outubro de 1903). “Se você chega a ser aluno na escola de Cristo, deve submeter Sua vontade à dEle... e dessa forma, ao viver em constante comunhão com Jesus, você mesmo será transformado em um canal de luz para outros” (*Carta 48*, 13 de dezembro de 1888). Além disso, é importante considerarmos a relação entre os hábitos alimentares e a comunhão. Nesse sentido, é-nos declarado: “Aquilo que corrompe o

corpo tende a contaminar a alma. Incapacita o que o usa para a comunhão com Deus, torna-o inapto para serviço elevado e santo” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 280).

Desfrutando o sábado. Uma das oportunidades que a família tem para manter comunhão com Deus é o dia de sábado. Lamentavelmente, muitas pessoas estão perdendo essa bênção. “No Seu dia Ele reserva à família a oportunidade da comunhão com Ele, com a natureza, e uns para com outros. Visto que o sábado é a memória do poder criador, é o dia em que de preferência a todos os outros devemos familiarizar-nos com Deus mediante Suas obras” (*Educação*, 251).

Diante de tudo isso, podemos notar que a comunhão é uma bendita experiência espiritual. “Devemos familiarizar-nos agora com Deus... Os anjos registram toda oração fervorosa e sincera. Devemos de preferência dispensar as satisfações egoístas a negligenciar a comunhão com Deus” (*O Grande Conflito*, p. 622). Espera-se que todos os ministros vivam essa comunhão com o Senhor. Assim, “as pessoas saberão que temos estado com Jesus... Tal experiência comunicará ao obreiro um poder que nenhuma outra coisa lhe pode oferecer... Nenhum trabalho da igreja deve ter precedência diante da comunhão com Deus (*El Ministério Pastoral*, p. 24). “Precisamos viver em íntimo relacionamento com Deus, para que possamos amar-nos uns aos outros como Cristo nos amou. É por meio disto que o mundo deve saber que somos Seus discípulos” (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 534).

À semelhança do profeta Daniel que, em meio às tribulações reservava tempo para buscar a Deus em oração, abrindo as janelas em direção à cidade amada, Jerusalém, “o verdadeiro cristão mantém as janelas da alma voltadas para o Céu. Vive em comunhão com Jesus. Sua vontade está de acordo com a de Cristo. Seu maior desejo consiste em assemelhar-se cada vez mais a Seu Senhor” (*Review and Herald*, 16 de maio de 1907). ▀



Além da teoria

Teologandos colocam em prática o aprendizado da sala de aula e plantam igrejas



O Império Romano consistia em um mundo de cidades autogovernadas, dividido em províncias e sujeito ao governo centralizado do imperador. Naquela civilização nasceu o cristianismo como um movimento urbano,¹ liderado principalmente por jovens, embora isso não significasse desmerecimento do trabalho em áreas

rurais, realizado por pessoas adultas. O próprio Jesus “tinha cerca de trinta anos de idade quando começou Seu ministério” (Lc 3:23). Seus discípulos eram jovens e Ele os identificava como “filhos” (Jo 21:5). Assim, a ênfase no trabalho dos jovens apenas chama a atenção para dois aspectos efetivos da missão cristã do primeiro século.

A missão compassiva do Messias estava centralizada principalmente nas aldeias e cidades. “Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do reino e curando todas as enfermidades e doenças” (Mt 9:35).

Saulo, outro jovem (At 7:58), posteriormente chamado Paulo,

continuou o ministério compassivo de Jesus nas cidades-chave do Império (At 13–28). Participou da confirmação da igreja de Antioquia que, por sua vez, converteu-se em um grande centro do cristianismo e base do estabelecimento de igrejas nas cidades importantes.² O critério de chegar às cidades-chave levou Paulo a Pafos, cidade portuária de Chipre; Perge, da Panfília; Antioquia, da Pisídia; Icônio, de Listra, e Derbe, do sul da Galácia (At 13, 14).

Essas cidades estavam ligadas estrategicamente pelos caminhos romanos, como Filipos, pelos quais o comércio fluía de leste a oeste. Pela “Via Ignacia”,³ chegou a Tessalônica; porém, não se deteve em Anfípolis, tampouco em Apolônia, porque mantinha a estratégia de “escolher cidades importantes, e convertê-las em grandes centros para propagação do evangelho”.⁴ Seguindo esse mesmo critério, o apóstolo foi a Bereia, Atenas e Corinto (At 17, 18).⁵ Todas essas cidades “eram importantes centros comerciais e políticos. Portanto, na mente de Paulo, eram lugares estratégicos a partir dos quais o evangelho de Cristo podia se espalhar por todo o Império”.⁶

Podemos notar o que fez Paulo, quando viajou pela Galácia e pela Frígia confirmando na fé os irmãos. Ele permaneceu três anos em Éfeso. Essa cidade era um centro administrativo e religioso da província romana da Ásia. Por isso, era importante estabelecer ali uma igreja forte que ajudasse a impulsionar a disseminação do evangelho. Paulo trabalhou acompanhado por Barnabé, João Marcos, Áquila e Priscila, Apolo, Tíquico, Timóteo e outros missionários, em sua maioria, jovens (At 13–15; 18:24–28; 2Tm 4:12; 1Tm 4:12).⁷ Em Éfeso, foram queimados livros de magia, por 50 mil dracmas, e se arruinou o comércio dos artifices da deusa Diana (At 18:18–19:41).

Chamado à evangelização

À semelhança dessa estratégia, no século 21, devemos focalizar as

maiores cidades com uma investida que incluía especialmente os estudantes de Teologia e outros missionários jovens. Devemos estabelecer igrejas que, por sua vez, estabeleçam outras igrejas nos bairros e áreas de influência dessas cidades. Ellen G. White aconselhou a formação de um grupo de sete pessoas para atender as necessidades das grandes cidades com um ministério compassivo. Escreveu ela em 1910:

“A melhor equipe para estabelecer igrejas é formada com estudantes de teologia e outros jovens”

“Sete homens deviam ter sido escolhidos para, juntos com o presidente, iniciar um trabalho nas grandes cidades... Esses sete homens deviam ser pessoas ativas, humildes, ternas e mansas de coração. Nunca as cidades deveriam ter sido negligenciadas como estão agora...”

“Não menos de sete homens devem ser escolhidos, para que assumam as grandes responsabilidades da obra de Deus nas cidades populosas. E estes homens devem se humilhar diariamente, buscando fervorosamente o Senhor, para receberem santa sabedoria. Devem ligar-se a Deus como homens que desejam ser ensinados. Devem ser homens de oração, que estejam cientes do perigo em que se encontram. Qual deve ser o trabalho destes sete homens? Eles devem verificar as necessidades das cidades e empregar os mais decididos e fervorosos esforços, no sentido de desenvolver a obra.”⁸

Em 11 de novembro de 2010, a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia reconheceu as falhas que têm impedido a evangelização do mundo. Somente o Espírito Santo pode terminar a obra, mas a igreja deve colaborar. Por isso, foi publicado o documento “Chamado ao Reavivamento, ao Discipulado, à Reforma e

à Evangelização”. Nesse documento é declarado o seguinte: “Reconhecemos em forma especial que Deus usará crianças e jovens neste último poderoso reavivamento, e animamos nossa juventude a participar na busca de Deus, por reavivamento espiritual em sua vida e, assim, receber o poder do Espírito Santo, a fim de poder compartilhar a fé com os demais.”⁹

Então, com a humildade motivada pelo Espírito Santo, todos os missionários, especialmente os jovens, devem se interessar em atender as necessidades das pessoas, à semelhança do que Jesus fazia. Porque “unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador Se misturava com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me!’”¹⁰

Durante o ano 2010, houve diferentes congressos festejando o centenário do Congresso Mundial de Evangelização, realizado em Edimburgo, em 1910. O Congresso de Evangelização de Boston, em 2010, foi realizado sob o lema “Os contornos mutantes da missão e o cristianismo mundial”. Em sua palestra intitulada “Boston, estudantes e as missões, de 1910 a 2010”, Dana Robert enfatizou “a importância da liderança do estudante na missão” e citou vários estudos de casos. Sua conclusão foi de que “os estudantes permanecem nas fronteiras dos desafios de transformar o mundo nesta geração”.¹¹

Há mais de vinte anos, C. Peter Wagner desafiava seus alunos a estabelecer igrejas. Ele dizia: “Os jovens que ainda têm mais opções e mais flexibilidade são muito mais propensos a ter êxito neste aspecto.”¹² A melhor equipe para estabelecer igrejas é formada com estudantes de teologia e outros jovens, pastores ou não. O Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia tem como prática obrigatória o estágio em evangelização pública. Essa matéria

implica em participar de uma campanha evangelística que, quase sempre, dá origem a várias igrejas. Durante os últimos 35 anos, a sede argentina do Seminário tem participado anualmente do estabelecimento de umas 15 igrejas.

Realidade sul-americana

A União Nordeste Brasileira investiu mais de cinco milhões de dólares anuais em novas capelas, das quais igrejas eram abertas com o apoio dos alunos da Faculdade Adventista de Teologia da Bahia. Dessa maneira, os estudantes participam anualmente do estabelecimento de aproximadamente 70 igrejas. Como requisito da Prática Pastoral, eles devem participar do estabelecimento de, pelo menos, uma igreja.¹³

Na Divisão Sul-Americana, estão surgindo vários projetos jovens de missão global, que resultam no estabelecimento de igrejas. Entre eles estão os seguintes: Projeto Calebe, surgido na União Nordeste Brasileira, tem se espalhado pelo mundo, Projeto Antioquia, dos teólogos da Bahia, Projeto Macedônia, da União Peruana do Norte, Projeto de Missão Global, dos estudantes de Teologia do Equador, voltado para o estabelecimento de igrejas apenas em lugares novos.¹⁴ De acordo com o pastor Christian Álvarez Zaldúa, diretor da Faculdade de Teologia do Equador, caso o projeto equatoriano contasse com mais recursos financeiros, em seis anos, seria possível estabelecer igrejas em cada um dos 76 municípios não alcançados de seu país.¹⁵ Em 2011, foram estabelecidas

77 igrejas e congregações no Equador, e se espera que, até 2015, o adventismo esteja presente em todos os 217 municípios.¹⁶

O relatório de missão global da Divisão Sul-Americana, de maio de 2008, mostrou que os adventistas estavam presentes em 5.554 (59%) dos 9.395 municípios da América do Sul. O desafio é alcançar os 3.831 municípios (41%) sem a presença adventista. Se todas as Uniões focalizarem os municípios não alcançados e derem o apoio necessário aos estudantes de Teologia, em cinco anos, estarão plantando igrejas nesses municípios ainda sem a presença adventista da DSA.

Porém, para que isso aconteça, uma mudança é necessária. Ainda que os adventistas sejam reconhecidos por estabelecer igrejas através do evangelismo público, na DSA, somente 13% das igrejas surgem por esse método. No quinquênio de 1990 a 1995, foram abertas 1.600 igrejas na Divisão Sul-Americana. Apenas 200 delas (13%) foram estabelecidas pelo evangelismo público. As 1.400 igrejas restantes (87%) foram estabelecidas graças ao trabalho dos membros.¹⁷ Geralmente, essas igrejas são abertas nas mesmas regiões das igrejas-mães. Ou seja, estão sendo fundadas mais igrejas nos municípios já alcançados.

Entre 2010 e 2015, projeta-se o estabelecimento de dez mil igrejas na Divisão Sul-Americana.¹⁸ Se 13% delas forem abertas em municípios não alcançados, em cinco anos chegaríamos apenas a 1.300 dos 1.831 municípios sem a presença

adventista, sendo necessários 15 anos para alcançarmos todos os municípios. Porém, se todas as Uniões da DSA apoiarem especialmente a evangelização em novos municípios, será possível conquistar os ainda não alcançados. Então, em 2015, poderemos parafrasear o apóstolo Paulo: “Desde o Equador arredores, até Ushuaia, Argentina, proclamamos plenamente o evangelho de Cristo” (Rm 15:19). ▮

Referências:

- Rodney Stara, *The Risk of Christianity: A Sociologist Reconsiders History* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996), p. 147;
- Cleber de Oliveira Gonçalves, *A Crítica of the Urban Mission of the Church in the Light of an Emerging Postmodern Condition* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2005), p. 143.
- Christian Álvarez Zaldúa, *Teología e Metodología da Missão* (Elias Brasil de Souza, ed.), (Cachoeira, BA: Salt, 2001), p. 523, 537.
- Siegfried Horn, *Diccionario Bíblico Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires, AR: Aces, 1995), p. 1.151.
- Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 7, p. 231, 232.
- Christian Álvarez Zaldúa, Op. Cit., p. 533.
- Ibid.*, p. 531.
- Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Día* v. 6, p. 313.
- Elen G. White, *Evangelismo*, p. 37, 38.
- Llamado Urgente al Reavivamiento, la Reforma, el Discipulado y la Evangelización* (Buenos Aires, AR: Aces, 2011), p. 12.
- Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- Norman E. Thomas, “2010: The Changing Contours of World Mission and Christianity”, *IBMR*, v. 35, nº 1, (janeiro 2011), p. 10, 11.
- Peter C. Wagner, *Plantando Iglesias Para una Mayor Cosecha*, p. 17.
- Roberto Pinto e Daniel Rode, Entrevista a líderes da União Nordeste Brasileira, Faculdade de Teologia da Bahia, 16 a 19 de julho de 2009.
- Christian Álvarez Zaldúa, Op. Cit., p. 537.
- Ibid.*, p. 523, 537.
- Revista Adventista*, 4 de fevereiro de 2012 (Aces), p. 22, 23.
- Alejandro Bullón, Entrevista em maio de 1996.
- Objetivo de Misión Global del Quinquenio 2010-2015.

MUNICÍPIOS COM E SEM PRESENÇA ADVENTISTA NA DSA – 2008

Países	Total de municípios	Com presença adventista	Sem presença
Chile	354	275	79 (22%)
Argentina, Paraguai e Uruguai	1.194	725	469 (39%)
Peru	1.774	1.060	684 (39%)
Equador	217	141	76 (35%)
Bolívia	327	168	159 (49%)
Brasil	5.559	3.217	2.342 (42%)
Total	9.395	5.564	3.831 (41)



Reitor do Seminário Latino-Americano Adventista de Teologia e diretor de Espírito de Profecia, na Divisão Sul-Americana

Discipulado nas Escrituras

O chamado para ser discípulo requer fidelidade a Deus e à Sua Palavra; total comprometimento com a missão de salvar

O conceito de discipulado nas Escrituras está diretamente relacionado ao termo grego *mathetês* (discípulo), substantivo que aparece 261 vezes no Novo Testamento, exclusivamente nos evangelhos e no livro de Atos (72 vezes em Mateus; 46 em Marcos; 37 em Lucas; 78 em João e 28 em Atos). *Mathetês* indica, primariamente, um aprendiz, estudante, em contraste com *didáscalos*, seu mestre/professor (Mt 10:24, 25; Lc 6:40).

Os paralelos entre *rabi* (mestre) e *talmid* (estudante/aprendiz), no contexto judaico, e do filósofo e o estudante/aprendiz, no contexto greco-romano, nos ajudam a entender a figura do discípulo no mundo bíblico. Um *talmid* vivia com o mestre e o servia em suas necessidades diárias. Ele se assentava aos pés do mestre para ser instruído, ouvia suas

palavras e o seguia durante todo o tempo, a fim de aprender seus caminhos e ensinamentos. No mundo greco-romano, a experiência entre o aprendiz e o filósofo era centralizada na *mimesis* (imitação). Eles procuravam imitar os ensinamentos e a vida do mestre, preservavam sua tradição/ideias e a desenvolviam.

Semelhanças e diferenças

Várias dessas ideias e expressões aparecem no Novo Testamento: Jesus era chamado de rabi (Jo 1:38, 49; 6:25); Seus discípulos viviam com Ele (Jo 1:38, 39) e O serviam (Jo 4:8, 31); assentavam-se a Seus pés para ser instruídos (Lc 10:39); viam Suas obras e ouviam Suas palavras (Lc 10:23, 24); Seguiam-nO todo o tempo e por onde quer que fosse (Mt 16:24; Mc 6:1; 10:28, 32); deviam aprender Seus caminhos

e ensinamentos (Jo 8:31; 14:4-6); e imitá-Lo, ser semelhante a Ele (Mt 10:25; 20:25-28; Jo 13:15; 15:21).

No entanto, existem importantes diferenças: Em primeiro lugar, no contexto judaico, o discípulo estava ligado aos ensinamentos do mestre e, por meio deles, à Lei. No Novo Testamento, o discípulo está ligado à pessoa de Jesus e Seus ensinamentos. Jesus é o foco do relacionamento, é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 4:6), o “Pão vivo que desceu do Céu” (Jo 6:51), a “Luz do mundo” (Jo 8:8, 12), a “videira verdadeira” (Jo 15:1). Em segundo lugar, nos contextos judaico e greco-romano, o discípulo geralmente buscava se tornar aprendiz de um mestre. No Novo Testamento, é Jesus quem chama e escolhe Seus discípulos (Mc 1:16-20; 2:14; 3:13, 14). Em terceiro lugar, o objetivo final do discípulo de um

rabi ou de um filósofo era o de se tornar mestre. No Novo Testamento, somente Jesus é o Mestre; Seus seguidores sempre serão discípulos (Mt 23:8-10).

Além de *mathetés*, outras expressões neotestamentárias também expressam ideias relacionadas ao conceito do discipulado. Entre elas, o verbo *matheteuo*, proveniente da mesma raiz de *mathetés*. Às vezes, ele ocorre com sentido intransitivo e expressa a ideia de “ser ou se tornar discípulo” (Mt 27:57). Em outras passagens, aparece como passivo deponente e tem o sentido de “se tornar um discípulo” (Mt 13:52; 27:57). Finalmente, em outras ocorrências, ele tem sentido transitivo e significa “fazer discípulo” (Mt 28:19; At 14:21).

O termo mais frequentemente associado ao substantivo *mathetés*, no entanto, é o verbo *akolouthéin* (andar após, seguir), que aparece 90 vezes no Novo Testamento (79 vezes nos evangelhos, quatro vezes em Atos, seis vezes em Apocalipse e uma vez em 1 Coríntios). Comumente ele é usado com o sentido de seguir a Jesus, expressando a essência da experiência do discipulado: Ser discípulo de Jesus é manter relacionamento muito próximo com Ele, é segui-Lo por onde quer que Ele for (Mt 9:9; 16:24; 19:21; Mc 1:18; 2:14; 8:34; Lc 5:11, 27, 28; Jo 1:38, 40; 13:36, 37).

Características

Alguém se torna discípulo de Jesus, quando Ele o chama (Mc 1:17; 2:14; 3:13). Muitos que pediam para ser Seus discípulos eram postos à prova nas suas intenções e geralmente eram desencorajados (Mt 8:18-22; Lc 9:57-62). A experiência do discipulado começa, portanto, com uma iniciativa divina, depende antes de tudo de Deus e de Cristo, não da vontade nem do esforço do homem.

Ser discípulo de Jesus também implica em ruptura com o passado. Ao serem chamados por Cristo, os discípulos deixavam o modo antigo de vida e O seguiam (Mc 1:16-20; 2:14). Eles deviam amá-Lo mais do

que a própria família, a própria vida ou posses (Lc 14:25-33; Mt 10:34-39; 6:24-26).

O discípulo de Cristo entra em um relacionamento para toda a vida com o Mestre, e deve estar com Ele em todo o tempo (Mc 3:14). Ele não somente aprende de Jesus e guarda Sua Palavra, mas também compartilha a vida com Ele, seguindo-O mesmo em meio ao sofrimento, até mesmo na morte (Mc 10:39; 8:34; Mt 10:24-39).

*“Mais do que nunca,
a experiência do
discipulado precisa ser
uma realidade entre o
povo de Deus”*

No entanto, o discípulo de Jesus não vive essa experiência apenas para benefício próprio, vivendo da contemplação e se excluindo do convívio com outros seres humanos. Todo discípulo é chamado a essa experiência única para, então, ser enviado a pregar e se tornar um canal vivo do Mestre, proclamando a vinda do reino de Deus (Mc 1:17; 3:14, 15; Mt 5-7; Lc 10:1-20). Sua grande missão é fazer outros discípulos de Jesus (Mt 28:19). Para cumprir esse mandato, ele é capacitado por Deus a fazer o trabalho que o Mestre fazia (Mt 10:1, 8; Lc 10:19; Jo 14:12).

Então, o círculo do discipulado se completa. Ele começa com um chamado de Deus a algumas pessoas. Essas pessoas que são por Ele escolhidas e respondem ao chamado são preparadas e capacitadas pelo Espírito Santo a ser testemunhas, chamando outros para viver a experiência de ser discípulos de Jesus (Jo 14:26; 17:7-14; Mt 28:19; Atos 1:8).

Tudo pelo Mestre

No Novo Testamento, o chamado ao discipulado corresponde assim ao chamado de Deus a Abrão, que teve que deixar tudo (terra, familiares, casa) e seguir o plano de Deus para sua vida, a fim de se tornar canal

de bênção para todas as famílias da Terra (Gn 12:1-3). Esse chamado re-flete também a experiência dos profetas no Antigo Testamento, os quais eram chamados por Deus, ouviam Sua mensagem, abandonavam tudo e se dedicavam totalmente à missão, mesmo até a morte, se necessário fosse, a fim de pregar a mensagem divina àqueles a quem Deus os enviava (Is 6:1-9; Jr 1:1, 10).

Na última bem-aventurança do Sermão da Montanha, Jesus aplicou o paradigma profético aos Seus seguidores: “Bem-aventurados serão vocês quando, por Minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos Céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês” (Mt 5:11, 12). Portanto, o paradigma do discipulado é semelhante ao chamado e à missão do profeta. Ele requer a mesma fidelidade a Deus e à Sua Palavra, total compromisso com a missão de chamar pecadores de volta ao único Deus e Criador, exortando-os ao arrependimento, a voltar para Ele e segui-Lo, ser fiéis à Sua Palavra e andar em Seus caminhos.

Hoje, mais do que nunca, essa experiência de discipulado precisa ser uma realidade viva entre o povo de Deus. Ao descrever a experiência do remanescente fiel, nos últimos dias da história da humanidade, as diferentes dimensões do discipulado são enfatizadas no livro do Apocalipse: Eles são designados como “chamados”, “eleitos”, “fiéis” que vencerão com o Cordeiro (Ap 17:14). Seguem o Cordeiro por onde quer que vá (Ap 14:4). Têm o “espírito de profecia”, ou seja, a mensagem de Deus revelada em Sua Palavra e nos Seus testemunhos à humanidade, e têm a missão profética de chamar pecadores (Ap 19:10). Eles são os mensageiros de Deus, pregando o evangelho eterno a todos os que “habitam sobre a Terra, e a toda nação, e língua, e povo” (Ap 14:6). ▀



Vice-presidente da Divisão Sul-Americana, e coordenador do Espírito de Profecia

Por preceito e exemplo

Três enfoques do discipulado na vida e nos ensinamentos de Ellen G. White

O escritor e poeta argentino Jorge Luís Borges disse que “todas as coisas são legítimas e nenhuma tem importância. O que importa é o que se faz com elas”. Para o psicólogo Alemão Kurt Lewin, “nada é tão prático quanto uma boa teoria”.

Aparentemente, essas duas abordagens diferem entre si, mas ambas retratam a verdade. Teoria boa é aquela que, ao ser implementada, gera resultados inquestionáveis. Na carreira pastoral, é bem provável que o senso crítico cultivado no decorrer dos anos nos coloque na defensiva diante de lemas propostos pela liderança da igreja.

Como exemplo disso, a frase *Comunhão, Relacionamento e Missão* pode facilmente ser colocada na companhia de lemas que vêm e vão, deixando poucas marcas e transformações práticas. A questão é o que fazer para que esse trio de palavras tenha significado prático. Que impacto exercerá em meu ministério e, conseqüentemente, sobre a igreja?

O pastor adventista quase sempre cai na boa tentação de incluir

conselhos de Ellen G. White nas argumentações em favor de uma ideia. Afinal, nos escritos dela se encontram mensagens sobre cada aspecto da vida e seu relacionamento com a maior de todas as ciências: a salvação.

Porém, neste artigo, não desejo citar conselhos, mas alguns exemplos práticos da maneira pela qual Ellen G. White desenvolveu sua experiência de comunhão, relacionamento e missão.

Comunhão

Desde a infância, Ellen apresentou rara sensibilidade espiritual. A dolorosa experiência do acidente sofrido aos nove anos lhe despertou o interesse em temas cruciais como: salvação, preparo para a morte e para a vida eterna. O estudo da Bíblia e a oração alimentaram a fé daquela frágil menina. Relatando essa fase, ela escreveu: “Comecei, nessa ocasião, a orar ao Senhor, a fim de preparar-me para a morte. Quando amigos cristãos visitavam a família, perguntavam à minha mãe se ela me havia falado a respeito de morrer. Entendi isso, o que me agitou. Desejei

tornar-me cristã, e orei fervorosamente pelo perdão de meus pecados. Senti a paz de espírito que disso provinha...”¹ Ela encontrou conforto na comunhão com Deus. Por meio da oração, sentia-se segura de que Jesus a amava.²

Nos anos seguintes, Ellen G. White foi grandemente impactada pela pregação de Miller sobre a supostamente iminente vinda de Jesus. Ela enfrentou dias de incertezas e dúvidas que a motivaram a orar com determinação em busca da paz e alegria na salvação em Jesus. “Enquanto me achava de joelhos em oração, meu fardo deixou-me, e meu coração se aliviou... Eu tinha no coração a certeza de que Ele compreendia minhas provações e comigo simpatizava. Nunca poderei esquecer essa segurança preciosa da compassiva ternura de Jesus para com alguém tão indigno de Sua atenção.”³

Herbert Douglass sugere que, se não fosse por esse relacionamento com o Senhor ela não teria suportado o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844.⁴

À medida que Ellen amadurecia, crescia também sua amizade com Jesus e sua total submissão aos planos de Deus. Em seus escritos, há centenas de conselhos e testemunhos sobre o valor da oração e do estudo da Bíblia para o crescimento espiritual. No lar do casal White, os filhos eram ensinados a desenvolver o hábito de orar e estudar a Bíblia. Quando ela e o esposo se ausentavam, devido a compromissos com a pregação, Ellen costumava escrever para os filhos, incentivando-os a dedicar tempo para comunhão com Deus.

Em uma carta, ela aconselhou: “Não ordeno que vocês leiam a Bíblia – jamais o farei. Quero que leiam a Bíblia porque a amam... Mas, se negligenciarem a leitura da Bíblia, perderão o amor por ela. Os que amam a Palavra de Deus são os que leem muito... Vigiem e orem, filhos, para que vocês não sejam vencidos pelo inimigo. Vivam vida cristã, e sempre mantenham em vista a glória de Deus.”⁵

É impossível falar de comunhão, sem citar o livro *Caminho a Cristo*, preciosa joia literária sobre arrependimento, conversão, oração e comunhão diária com Deus. É surpreendente a forma simples e natural com que esses temas são abordados.

Relacionamento

Ellen G. White sempre valorizou o relacionamento com os irmãos de fé e com os que não pertenciam à igreja. Relatos sobre sua adolescência mencionam atividades realizadas em pequenos grupos de oração e reuniões em casas de amigos. O crescimento do adventismo foi solidificado em reuniões nos lares, onde os fiéis dedicavam tempo para testemunhar, estudar a Bíblia e orar. Foi numa dessas reuniões que ela teve sua primeira visão, em dezembro de 1844.

A maior parte de seus escritos foram cartas nas quais ela revela amor, preocupação e interesse pela salvação de pessoas próximas, como familiares e coobreiros. Ela também

escreveu a pessoas não tão conhecidas, sempre com a preocupação de enviar uma mensagem especial que as conduzisse a Cristo.

Assim, para Ellen G. White, viver em comunidade e se relacionar bem com o semelhante era dever e privilégio. Por ocasião do funeral dela, o pastor C. B. Starr comentou: “Quero falar da sua personalidade como amiga... Lembrava-se dos nomes das pessoas de maneira impressionante. Parecia nunca se esquecer de alguém que encontrasse em qualquer parte do mundo. Levava-os em seu coração e em suas orações. Sua constância na amizade era notável...”⁶

Missão

O casal White era apaixonado pela missão. De todo o coração, entregou-se ao trabalho, privando-se de muitas coisas, inclusive da companhia dos filhos. Viagens, pregações, reuniões de estudos eram parte de sua agenda. Porém, vamos considerar o que ela fazia pessoalmente:

Na literatura adventista, há várias histórias do trabalho evangelístico pessoal de Ellen G. White. Ainda que reconhecida como grande pregadora, ela não deixava de aproveitar cada oportunidade para testemunhar.

Arthur White, seu neto, mencionou o profundo interesse da avó pela conversão dos familiares. Em 1872, ela e o esposo convidaram a sobrinha Mary e a mãe, uma das irmãs mais velhas, não adventista, de Ellen, para um período de descanso nas montanhas do Colorado. Em seu diário, ela relatou que, à sombra de uma grande árvore, leram cerca de 60 páginas dos livros *O Grande Conflito* e *Spiritual Gifts*. Mary ficou profundamente interessada, e “nós ficamos felizes de ver a maneira atenta com que ela ouvia...”⁷ De acordo com o pastor Arthur, a leitura foi cuidadosamente selecionada para despertar o interesse de Mary. Outras publicações como *Review and Herald*, *The Instructor*, *Signs of the Times* e *The Watchman* foram enviadas para as irmãs que não eram adventistas.

As publicações ocuparam papel importante no trabalho missionário pessoal de Ellen G. White. Em viagens, ela sempre levava livros para distribuir. Deus não apenas lhe revelou a importância da disseminação da página impressa, mas lhe concedeu a alegria de ver resultados de seu trabalho. No verão de 1853, em uma viagem do casal White através do estado de Michigan, o condutor da carruagem misteriosamente se perdeu em meio a um bosque. Depois de várias horas tentando encontrar o caminho, chegaram a uma cabana, onde foram recebidos por uma simpática família. Ali puderam matar a sede e descansar, desfrutando da hospitalidade daquelas pessoas. Ao deixar a cabana, Ellen entregou à dona da casa uma cópia de seu primeiro livro, *A Sketch of the Christian Experience and Views by Mrs E. G. White*, e exemplares de *Review and Herald* e *Instructor*.

Vinte e dois anos depois, em uma reunião campal, Ellen foi abordada por uma agradecida senhora que relatou ter lido as publicações recebidas naquela cabana e as havia emprestado para alguns vizinhos, o que resultou na colheita de pessoas para a igreja.⁸

Enfim, comunhão, relacionamento e missão são palavras que definem muito bem a vida e o ministério de Ellen G. White. Ênfase no cristianismo prático é o que encontramos em sua vida. Temos nós o desejo de reavivar a experiência do discipulado em nossa vida? Estamos dispostos a investir mais tempo na comunhão com Deus, no relacionamento pessoal e na missão? Como podemos motivar a igreja a experimentar as bênçãos do discipulado? Nossa resposta a essas perguntas determinará os resultados do nosso ministério. ▀

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 11.

² *Ibid.*, p. 12.

³ Ellen G. White, *Vida e Ensinos*, p. 18, 19.

⁴ Ver Herbert Douglass, *A Mensageira do Senhor*, p. 50.

⁵ *Perguntas que eu Faria à Irmã White*, p. 138.

⁶ Ellen G. White, *Conselhos aos Idosos*, p. 218.

⁷ Arthur White, *Ministry*, julho de 1948.

⁸ Ver Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 448, 449.



O rumo do crescimento

Pastor relata como os pequenos grupos transformaram seu ministério

Ao iniciar minha carreira ministerial, em 2009, senti-me altamente motivado pelos treinamentos recebidos. Empolgado, comecei a sonhar com o futuro brilhante que minha igreja experimentaria com o início do meu protótipo de pequeno grupo. Com a multiplicação, viria o tão sonhado crescimento, ainda que o trabalho com pessoas e suas respectivas limitações fosse algo desafiador.

Ao iniciar o protótipo, com oração, selecionei as famílias, pensando em causar grande impacto em pouco tempo na igreja. Porém, independentemente de ser o tempo ideal ou não, nosso protótipo durou apenas um ano. Mas, durante o processo de aprofundar o relacionamento com os participantes, tive que romper com meu conceito de que o pastor não pode se abrir nem se mostrar vulnerável. Percebi que meus sonhos de crescimento não seriam facilmente alcançados. Então, arrefeci o cuidado daquele pequeno rebanho. Acabei atrasando a formação dos líderes, pois tive que recuperar a confiança deles e, com o passar do tempo, ao ter mudada minha compreensão, pude amá-los verdadeiramente.

Motivação certa

Minha vida foi tão impactada pela amizade e convivência com aqueles irmãos, que passei a ver o ministério com outros olhos. O grupo começou a sonhar com uma igreja vivendo em comunidade, sendo pastoreada semanalmente, estreitando relacionamentos que não passavam da mera formalidade e, o mais fascinante,

ver cristãos batizados por meio do evangelismo relacional, tornando-se discípulos empenhados em formar outros discípulos.

A missão precisa ser a motivação central de todo pequeno grupo. A base relacional condiciona e prepara a igreja para desenvolver relacionamentos redentores entre irmãos batizados e não batizados. Passados aproximadamente quatro anos, vemos esse sonho ser concretizado. Não temos tantos grupos como gostaríamos, mas o suficiente para que quase a totalidade da igreja esteja sendo devidamente cuidada e preparada.

Temos líderes comprometidos e eficientes; mas, à semelhança do pastor, eles também têm limitações. Muitas vezes, frustrei-me por projetar neles o ideal aprendido em livros e treinamentos, mas aprendi a amar e compreender meus líderes em suas realidades e reais necessidades.

Respeitar as pessoas a amá-las como são é o primeiro passo para torná-las o que Deus sonha que serão. Afinal, diariamente elas estão envolvidas em tantas atividades em busca da sobrevivência, e também relacionadas com a igreja, que a tarefa de cuidar de um pequeno rebanho poderia parecer absurda para elas. Porém, sentindo-as amadas da maneira como são, passaram a reproduzir esse sentimento em relação aos semelhantes.

As lutas enfrentadas no início serviram para entender que Deus me quebrantou do início ao fim do processo. Agora, agradeço a Ele por me haver ensinado a amá-Lo para,

somente então, poder amar as ovelhas e ensinar-lhes a amar os semelhantes.

Resultados compensadores

Trabalhar com pequenas comunidades é uma ocupação contínua e exaustiva, mas altamente compensadora para a igreja. Assim, vemos o estilo de vida dos irmãos ser mudado de tal maneira que eles não conseguem passar uma semana sem pastorear seu pequeno rebanho. Isso é reprodução do ministério pastoral; é fazer discípulos.

Atualmente, temos um líder aprendiz que ainda está se preparando para o batismo, o que nos leva a concluir que muitos excelentes líderes ainda estão na “igreja invisível” e serão alcançados. Seria exagero dizer que nossa igreja se tornou completamente voltada para a vida em comunidade e para os valores do reino. Mas, podemos dizer que avançamos muito e estamos mais perto de ser uma igreja mais relevante para a comunidade local.

Cada igreja tem sua realidade particular, e isso altera em muito a maneira pela qual se trabalha com pequenos grupos. Em algumas situações, nem é possível fazê-lo, considerando a situação momentânea da igreja. Porém, se, como pastores, buscarmos compreender melhor nosso estilo de vida, visando a transformação de nossa vida, de nossas famílias e da igreja, descobriremos novos rumos em nosso ministério. Então, o ambiente de unidade que envolverá a igreja e o ministério estará pronto para o derramamento especial do Espírito Santo. ▀

A SUPERBOM COMEÇA O ANO EM GRANDE ESTILO. EXPERIMENTE NOSSOS LANÇAMENTOS PREMIUM.



Vegetale

GELEIAS

Amend's

PROTEÍNAS

CEVADA

SUCOS INTEGRALS

Soy Good

MELVILLE

Frutt's

MELADO DE CANA

Glug's

Kroc

Qualidade de vida é
Superbom

www.superbom.com.br

Devocionais 2013

Toda manhã você acorda, se levanta, se prepara para sair e faz várias atividades durante o dia. Porém, quer o dia amanheça com sol ou com chuva, há algo que você não pode deixar de fazer: conversar com Deus. Para você começar seu dia mais próximo de Deus, foram criados os devocionais da CPB.



**DEVOCIONAL
DAS CRIANÇAS**

CONVERSINHAS
COM DEUS

**INSPIRAÇÃO
JUVENIL**

VOLTA AO MUNDO
EM 365 DIAS

**MEDITAÇÕES
DIÁRIAS**

PERTO DO CÉU

**MEDITAÇÃO
DA MULHER**

RENOVA-ME

Ligue
0800-9790606*

Acesse
www.cpb.com.br

Ou dirija-se a uma das livrarias da CPB

Consulte a relação de endereços no site www.cpb.com.br

@casapublicadora [cpb.com.br/facebook](https://www.facebook.com/cpb.com.br)

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h.
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.





Rafael Rossi

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

De cidade em cidade

É madrugada. Estou no quarto de um hotel, ainda me lembrando da música que ouvi no culto, horas atrás. Visitei uma tribo indígena no estado de Roraima, extremo norte do Brasil, na divisa com a Venezuela.

Os índios da tribo Sorocaima foram alcançados de forma sobrenatural. Há mais de trinta anos, o cacique teve um sonho no qual um homem com um livro preto chegaria à tribo e falaria mensagens importantes sobre um dia da semana. Todos da tribo deveriam aceitar as referidas mensagens. O cacique morreu antes que o sonho tivesse seu cumprimento, ocorrido tempos depois com a chegada de um missionário. O novo cacique sabia do sonho e perguntou ao missionário se ele tinha um livro de capa preta. Sem demora, o missionário tirou da pasta uma Bíblia e leu alguns versos sobre o sábado. Hoje, toda a tribo, com mais de duzentos índios, é adventista do sétimo dia.

Assim, um local afastado e isolado foi também alcançado pela mensagem de esperança. Os hinos que ouvi foram cantados no dialeto taurepan. Embora eu não tenha entendido a letra, pude identificar uma das músicas: “Oh! Nunca separar”. É impossível sair dali sem ficar emocionado e, diante do que vi e ouvi, ardeu em minha mente a grande e desafiadora responsabilidade que temos de propagar o evangelho a todo o mundo. Nos lugares mais distantes e também nos grandes centros urbanos, temos que abrir novas congregações. Alcançar as grandes cidades é nosso desafio em 2013.

A Bíblia nos diz que “Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças” (Mt 9:35). Em João 20:21, o Mestre afirma que, agora, Sua missão é a missão da igreja.

“Muitos pensam que seria grande privilégio visitar os cenários da vida de Cristo na Terra, andar pelos lugares por Ele trilhados, contemplar o lago à margem do qual gostava de ensinar, as montanhas e vales em que Seus olhos tantas vezes pousaram. Mas não necessitamos ir a

Nazaré, a Cafarnaum ou a Betânia para andar nos passos de Jesus. Encontraremos Suas pegadas junto ao leito dos doentes, nas choças da pobreza, nos apinhados becos das grandes cidades, e em qualquer lugar onde há corações humanos necessitados de consolação. Fazendo como Jesus fazia quando na Terra, andaremos em Seus passos” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 640).

Plantar igrejas é uma desafiadora experiência, pois, mesmo entre nós, alguns parecem ainda não estar convencidos dessa necessidade. A essa questão, somam-se os desafios externos diante de uma sociedade cada vez mais seduzida pelo materialismo e pelo relativismo.

Porém, os mais eficazes plantadores de igrejas são aqueles que desenvolveram profundo senso de dependência de Deus, porque essa tarefa implica em assumir riscos. Na verdade, não gostamos nem queremos fracassar; mas não podemos deixar de agir, simplesmente por causa do medo de fracassar.

Uma pessoa comum enxerga apenas sementes. Sonhadores veem uma árvore; visionários, uma floresta.

Diante dos desafios das grandes cidades, precisamos de estratégias e métodos que sejam cada vez mais ousados. A mensagem do evangelho

não pode ser limitada. Este é o momento de alimentar grandes sonhos e avançar confiantes na certeza de que o Senhor está conosco.

Plantar igrejas envolve paciência. Quem se dedica a essa tarefa sempre está preparado para o crescimento. Ademais, essa não é atividade de um cavaleiro solitário. Sem a estrutura de uma igreja estabelecida e uma equipe de voluntários dispostos a assumir ministérios e projetos específicos, o plantio se tornará pesado e desgastante. Eficazes plantadores de igrejas desenvolvem e executam bons planos, cercam-se de pessoas certas, compartilhando com elas liderança e responsabilidades. Depois, esperam a atuação de Deus.

Pastor, alimente este sonho em seu coração. Deus estará com você. Então, todos nos alegraremos com as vitórias do reino de Deus neste mundo tão carente de graça. ▀

“É tempo de alimentar grandes sonhos e avançar confiantes”

2013

ANO DO DISCIPULADO

28/02-09/03 – TEMPO DE RECONSAÇÃO

- Dez dias de clamor pela chuva serôdia

09/03 – DIA DE JEJUM E ORAÇÃO

- A igreja reunida, durante dez horas de jejum e oração
- Todos buscando o pentecostes

24-31/03 – EVANGELISMO DE SEMANA SANTA

- Dias 24 a 28 – programação nas casas e nos pequenos grupos
- Dias 29 a 31 – programação nas igrejas

TRÊS INICIATIVAS ESPECIAIS

Plantio de igrejas

- Cada Campo local plantando igrejas em áreas elitizadas ou desafiadoras de uma grande cidade
- Cada distrito pastoral plantando uma igreja durante o ano

20/04 – “O DIA E” (Dia da Esperança)

- Conclusão da entrega do livro *A Grande Esperança*, em cada casa (segundo o mapa)
- Distribuição do DVD “A última esperança”

Evangelismo via satélite

- Pregador: Pastor Luís Gonçalves (a partir de uma casa, falando para reuniões em pequenos grupos e pessoas em suas residências)
- Dias 17 a 23/11 – apresentação em português
- Dias 24 a 30/11 – apresentação em espanhol